

Seca em Portugal Continental

*Relatório
Mensal
28 de Fevereiro de 2006*

Este Relatório simplificado decorre da proposta do Secretariado da Comissão para a Seca 2005 apresentada a sua Exa. o Secretário de Estado do Ambiente que aprovou a prorrogação do mandato do Secretariado dada a necessidade de acompanhamento da situação face à incerteza climatológica quanto à ocorrência de precipitação significativa e suficiente no primeiro trimestre para repor a normalidade nas origens de água utilizadas pelos sistemas públicos e privados de abastecimento de água.

Ainda que a situação de seca iniciada em final de 2004 tenha sofrido alteração significativa a partir de Outubro de 2005, é de referir que em 31 de Dezembro de 2005, 84% do território permanecia em situação de seca meteorológica com intensidade fraca a moderada. Nestas condições, o Secretariado considerou que deveriam ser utilizados os três primeiros meses de 2006, não só para avaliar a evolução da situação hidrometeorológica (continuação ou não da situação de seca meteorológica e/ou hidrológica), mas também para preparar as condições mínimas para fazer face a um eventual ano de 2006 de seca de modo a aperfeiçoar o método de gestão da crise de 2005 e criar as bases para a gestão do risco.

Assim, e com o objectivo de continuar a acompanhar a evolução da situação, o Secretariado considerou que o relatório quinzenal deveria ser substituído por um relatório mensal, que inclui, para além da avaliação hidrometeorológica e das reservas de água, o desenvolvimento das tarefas de preparação para uma possível situação de seca que deverão contemplar, pelo menos: a elaboração de um guia/ferramenta de trabalho para execução de planos de contingência sobre abastecimento urbano, agrícola e pecuário; a elaboração dos procedimentos para uma eventual campanha de sensibilização a implementar; a definição de um sistema simplificado para a recolha de informação sobre utilizações de água; a preparação das condições para apoio técnico e financeiro às entidades gestoras de sistemas de abastecimento de água e particulares.

Portanto, prevê-se que no final do mês de Março esteja assim disponível um ponto de situação sobre as situações críticas, assim como estejam alguns instrumentos para as entidades gestoras e da administração passarem à elaboração concreta das medidas a operacionalizar no início da primavera, nomeadamente: os planos de contingência, o material da eventual campanha de sensibilização e o sistema de recolha de informação sobre as utilizações da água.

MINISTÉRIO DO AMBIENTE, DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INSTITUTO DA ÁGUA (INAG)

INSTITUTO REGULADOR DE ÁGUAS E RESÍDUOS (IRAR)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALENTEJO (CCDRAL)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALGARVE (CCDRAI_g)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE LISBOA E VALE DO TEJO (CCDRLVT)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO CENTRO (CCDRC)

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO NORTE (CCDRN)

ÁGUAS DE PORTUGAL (AdP)

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

INSTITUTO DE METEOROLOGIA (IM)

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, DO DESENVOLVIMENTO RURAL E DAS PESCAS

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO RURAL E HIDRÁULICA (IDRHa)

DIRECÇÃO GERAL DOS RECURSOS FLORESTAIS (DGRF)

GABINETE DE PLANEAMENTO E POLÍTICA AGRO-ALIMENTAR (GPPAA)

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRAESTRUTURAS DO ALQUEVA (EDIA)

MINISTÉRIO DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA

SERVIÇO NACIONAL DE BOMBEIROS E PROTECÇÃO CIVIL (SNBPC)

MINISTÉRIO DA SAÚDE

DIRECÇÃO-GERAL DA SAÚDE (DGS)

MINISTÉRIO DA ECONOMIA E INOVAÇÃO

DIRECÇÃO-GERAL DA EMPRESA (DGE)

DIRECÇÃO-GERAL DE GEOLOGIA E ENERGIA (DGGE)

DIRECÇÃO-GERAL DE TURISMO (DGT)

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS PORTUGUESES (ANMP)

ÍNDICE

1. SITUAÇÃO HIDROMETEOROLÓGICA	1
1.1. Precipitação	1
1.2. Índice Meteorológico de Seca (PDSI)	3
1.3. Teor de Água no Solo	4
1.4. Evolução Provável da Situação Meteorológica	5
1.5. Avaliação do Escoamento Superficial	7
2. SITUAÇÃO DAS RESERVAS DE ÁGUA	9
2.1. Avaliação das Reservas Hídricas Superficiais	9
2.2. Avaliação das Reservas Hídricas Subterrâneas	11
3. DESENVOLVIMENTO DAS TAREFAS DE PREPARAÇÃO PARA UMA POSSÍVEL SITUAÇÃO DE SECA	14
3.1. Ponto de Situação dos Trabalhos de Preparação para uma eventual Situação de Seca	16
3.1.1 <i>Especificações gerais para a elaboração de Planos de Contingência para situações de ruptura dos sistemas de abastecimento de água às populações, pecuária e regadio</i>	16
3.1.2 <i>Bases gerais para a promoção de campanhas de sensibilização do uso da água em situações de seca de âmbito nacional, regional e local</i>	16
3.1.3 <i>Sistema simplificado de identificação, quantificação, tratamento e avaliação de dados e informações sobre as principais utilizações de água nas zonas de risco de seca</i>	17
3.1.4 <i>Definição de critérios e meios a utilizar no apoio técnico e financeiro às entidades com dificuldades técnicas e financeiras decorrentes da seca</i>	17
3.1.5 <i>Proposta de enquadramento institucional relativa à criação de um sistema permanente de previsão e acompanhamento de situações de seca</i>	17
4. AVALIAÇÃO GERAL E CONCLUSÕES	18
ANEXOS	21

1. SITUAÇÃO HIDROMETEOROLÓGICA

1.1. Precipitação

1 - 28 Fevereiro

O estado do tempo no Continente foi condicionado predominantemente pela passagem de depressões às quais por vezes estiveram associadas superfícies frontais, excepto de 3 a 8, de 12 a 14 e no dia 22, em que predominou a acção de um anticiclone.

Deste modo, o céu esteve muito nublado, temporariamente pouco nublado ou limpo nos dias destacados acima. Ocorreram períodos de chuva ou aguaceiros que foram sob a forma de neve acima dos 600 m nos dias 20 e 25.

Os valores da quantidade de precipitação no mês de Fevereiro variaram entre 28 mm em Vila Real de Santo António e 153 mm em Santa Comba Dão (Figura 1) e foram inferiores aos valores médios em quase todo o território. Em termos de percentagem, os valores variaram entre 38% em Travancas (Trás-os-Montes) e 101% em Sagres. O mês de Fevereiro classificou-se como seco a muito seco em grande parte do território, com excepção de uma pequena região a Norte de Lisboa e do barlavento algarvio onde foi normal.

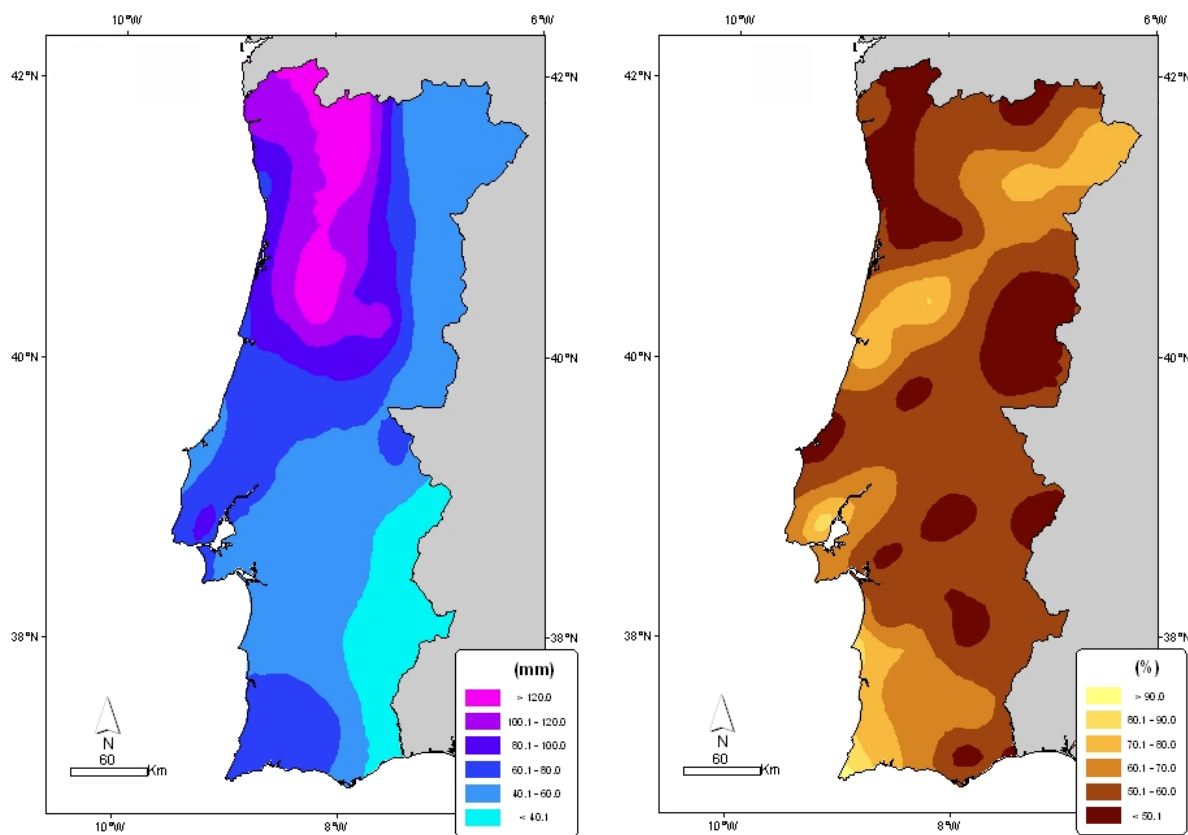


Figura 1 – Precipitação total em 28 Fevereiro (esq.) e respectiva percentagem em relação à média 1961-90 (dir.)

(Fonte: IM)

Precipitação acumulada desde 1 de Outubro 2005

Os valores da quantidade de precipitação acumulada desde 1 de Outubro de 2005 até 28 de Fevereiro de 2006 (Figura 2) variaram entre 226 mm em Mirandela e 878 mm em Portelinha (Minho). Os valores da quantidade de precipitação acumulada, em termos de percentagem em relação à média, são já inferiores a 80% em grande parte do território e variaram entre 51% em Rego da Murta (Centro) e valores superiores a 100% em parte das regiões do Baixo Alentejo e Algarve.

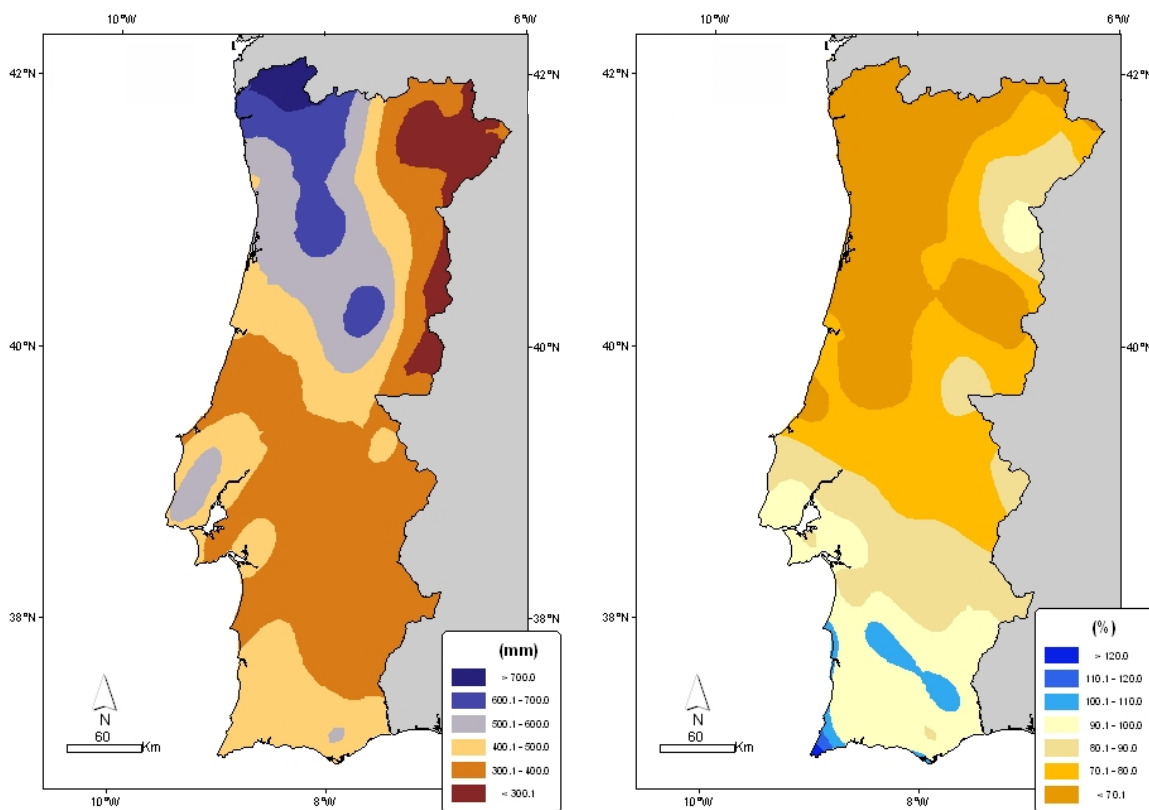


Figura 2 – Precipitação acumulada desde 1 Outubro 05 – 28 Fevereiro 06 (esq.) e percentagem em relação à média (dir.)

(Fonte: IM)

O ano hidrológico 2004/2005 acabou com um grande défice de precipitação em todo o território continental. Em 17 meses, com início em 1 de Outubro de 2004, a quantidade de precipitação acumulada neste período, é ainda, em algumas regiões, inferior ao valor médio do ano hidrológico.

Em anexo (Anexo I) apresentam-se, para algumas estações, os valores da quantidade de precipitação de 1 de Outubro 2004 a 28 de Fevereiro 2006, os valores acumulados neste período e normal do ano hidrológico (gráficos da esquerda); nos gráficos da direita apresenta-se a precipitação mensal, a precipitação acumulada no período de 1 de Outubro 2005 a 28 de Fevereiro 2006 e normal acumulada neste período.

Nota: Para a análise da precipitação foram utilizadas 40 estações do INAG e 60 do IM.

1.2. Índice Meteorológico de Seca (PDSI)

Em 28 de Fevereiro de 2006, e segundo o índice meteorológico de seca PDSI¹ (Figura 3 e Tabela 1) 97% do território permanece em situação de seca com intensidade fraca (85%) a moderada (12%). Em relação a 31 de Janeiro, houve um ligeiro aumento da seca moderada nas regiões do Alentejo e do nordeste Transmontano.

Tabela 1 – Percentagem de território afectado pela seca

PDSI	% de território afectada	
	28 Fevereiro 06	31 Janeiro 06
Chuva fraca	0	0
Normal	3	8
Seca fraca	85	83
Seca moderada	12	9
Seca severa	0	0
Seca extrema	0	0

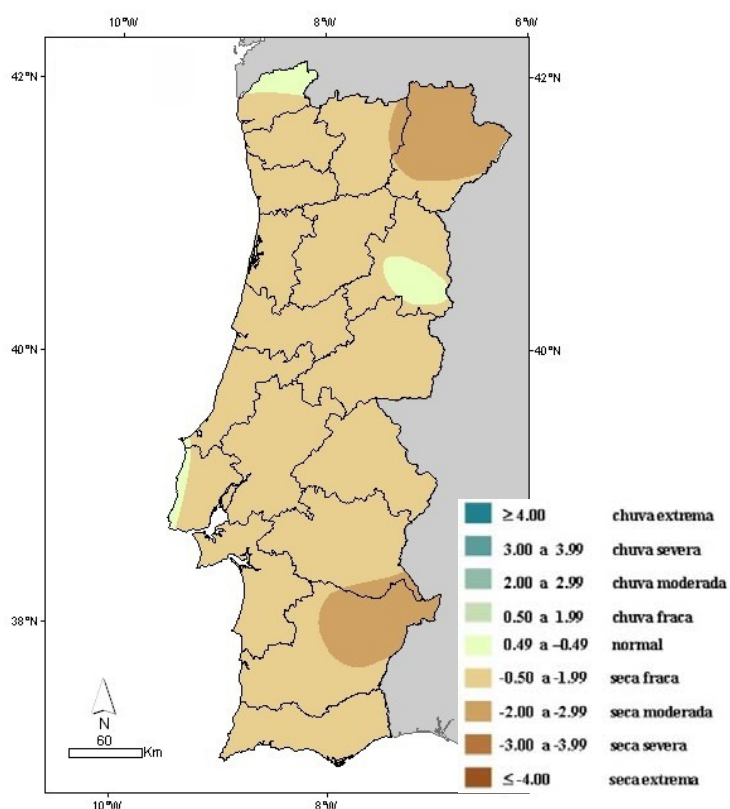


Figura 3 – Distribuição espacial do Índice de Seca em 28 de Fevereiro de 2006

(Fonte: IM)

¹ **PDSI** - Palmer Drought Severity Index - Índice que se baseia no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo; permite detectar a ocorrência de períodos de seca e classifica-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema).

1.3. Teor de Água no Solo²

A Figura 4 representa os valores em percentagem de água no solo em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, que em 28 de Fevereiro de 2006, eram próximos dos respectivos valores médios e variavam entre 75% e 100%.

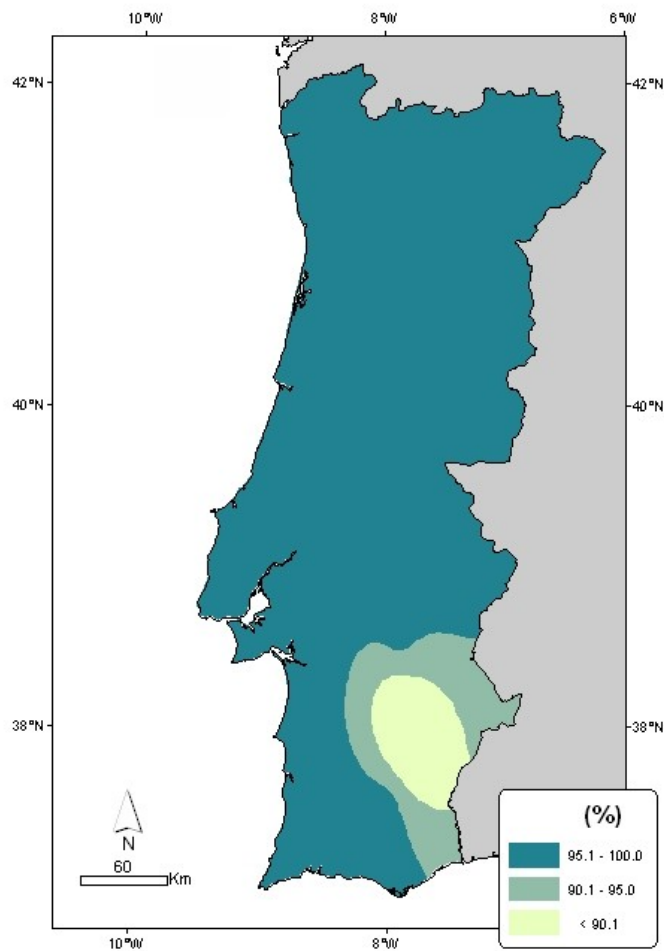


Figura 4 – Percentagem de água no solo em 28 de Fevereiro de 2006

(Fonte: IM)

² Método de Thornthwaite-Mather

1.4. Evolução Provável da Situação Meteorológica

Previsão mensal do estado do tempo no Continente

Período: de 23/02/2006 a 26/03/2006

Para a precipitação total média semanal, prevêem-se valores acima do normal na semana de 27/02 a 05/03, para todo o território, e valores abaixo do normal na semana de 06/03 a 12/03 apenas para as regiões Centro e Sul. Nas restantes semanas não é possível identificar a existência de sinal estatisticamente significativo.

Para a temperatura média semanal, a previsão indica valores inferiores ao normal nas semanas de 27/02 a 05/03, para todo o território e na semana de 20/03 a 26/03 apenas para as regiões Centro e Sul. Na semana de 06/03 a 12/03 a previsão indica valores superiores ao normal para as regiões Centro e Sul. Na semana de 13/03 a 19/03 não é possível identificar a existência de sinal estatisticamente significativo.

Previsão sazonal do estado do tempo no Continente

Para o trimestre Fevereiro, Março e Abril de 2006 a temperatura média apresenta uma tendência para ser superior ao normal. Para a precipitação total não é possível identificar a existência de sinal estatisticamente significativo.

Cenários de evolução para o mês de Março 2006

Para analisar a evolução da situação é possível efectuar cenários utilizando o índice PDSI tendo em conta a ocorrência de determinados valores da quantidade de precipitação. Assim tendo em conta a actual situação em Fevereiro, consideram-se três cenários possíveis da precipitação no mês de Março de 2006.

- ▶ **Cenário 1:** A precipitação ser inferior à normal com valores que só são atingidos em 20% dos anos (Decil 2).
- ▶ **Cenário 2:** A precipitação ser igual ao valor correspondente à probabilidade de ocorrência de 50% (Decil 5).
- ▶ **Cenário 3:** A precipitação ser superior à normal com valores que só são atingidos em 20% dos anos (Decil 8).

No Cenário 1 quase todo o território passaria a estar em situação de seca fraca a moderada, com aumento de área em seca moderada nas regiões do Alentejo e Nordeste transmontano.

No Cenário 2 a situação de seca terminaria em parte das regiões do Norte, do interior Centro e litoral Oeste, passando a uma situação normal; nas restantes regiões manter-se-ia a situação de seca fraca e de seca moderada no Nordeste.

No Cenário 3 a situação de seca terminaria em quase todo o território, mantendo-se a situação de seca fraca nas regiões do Alentejo e Nordeste transmontano.

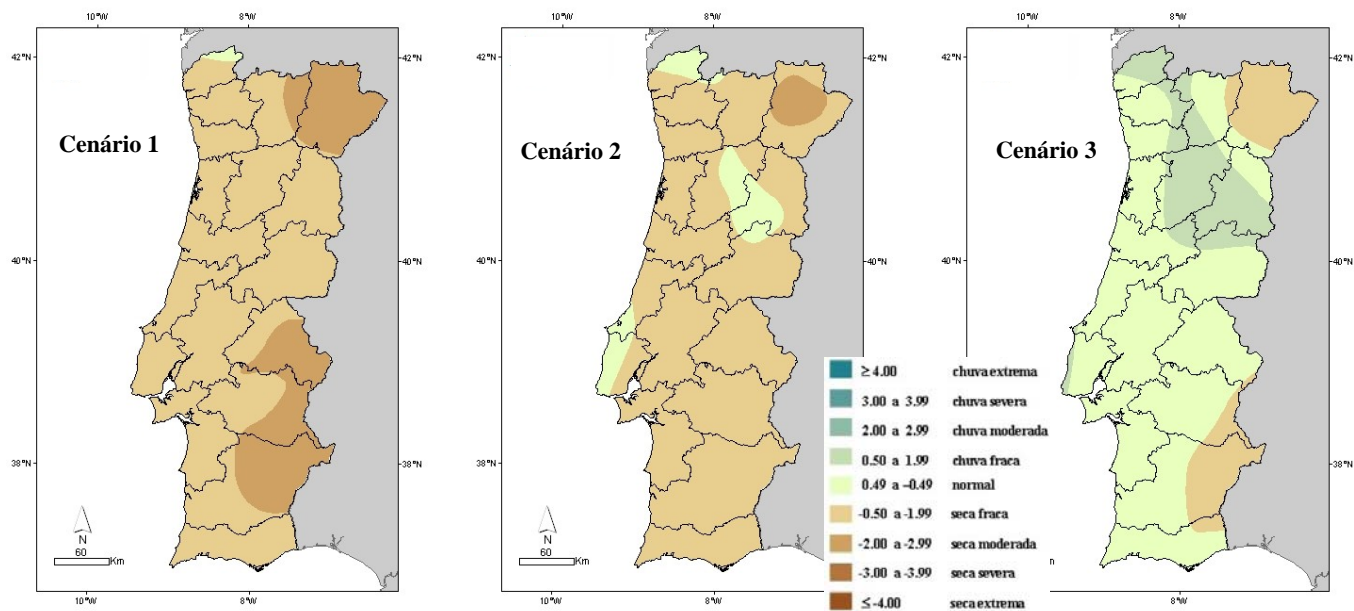


Figura 5 – Distribuição espacial do Índice de Seca para os três cenários em Março 2006

(Fonte: IM)

1.5. Avaliação do Escoamento Superficial

A análise ao escoamento é feita com base em 58 estações distribuídas pelas Bacias Hidrográficas de Portugal Continental. A média foi estimada considerando o período compreendido entre o início de funcionamento e 1989/90.

Entre as estações hidrométricas monitorizadas 21 registaram variação positiva, 13 negativa e 1 não sofreram alteração de caudal modular (tabela 2).

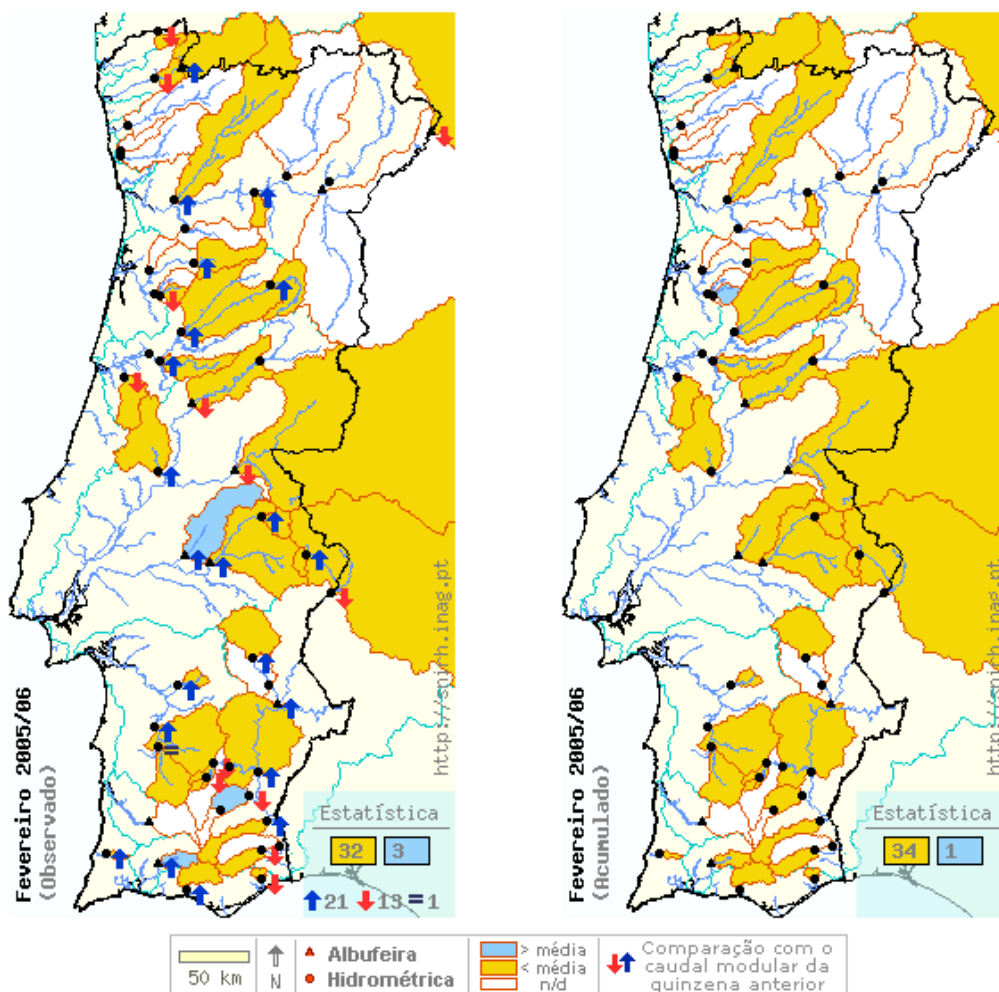


Figura 6

Tabela 2 – Avaliação do Escoamento

Estação	Bacia	Janeiro		Fevereiro		Variação (%)	
		Q _{modular} (m ³ /s)	Escoamento (dam ³)	Q _{modular} (m ³ /s)	Escoamento (dam ³)		
Albufeira Funcho	Arade	1.426	3 818.79	2.367	5 725.96	49.9	↑
Albufeira Miranda	Douro	109.521	293 340	96.409	233 233	-20.5	↓
Albufeira Torrão	Douro	34.466	92 314	44.125	106 746	15.6	↑
Quinta Castelo Borges	Douro	0.367	983	0.559	1 352	37.5	↑
Albernoa	Guadiana	0.575	1 540	0.373	902	-41.4	↓
Albufeira Alqueva	Guadiana	10.678	28 600	13.142	31 794	11.2	↑
Entradas	Guadiana	0.226	606	0.153	370	-38.9	↓
Monte Fortes	Guadiana	3.373	9 034	2.246	5 434	-39.8	↓
Monte Vinha	Guadiana	8.495	22 754	8.227	19 903	-12.5	↓
Oeiras	Guadiana	3.489	9 345	3.311	8 009	-14.3	↓
Ponte Algalé	Guadiana	0.119	320	0.134	325	1.6	↑
Pulo Lobo	Guadiana	21.999	58 923	26.721	64 643	9.7	↑
Vascão	Guadiana	2.692	7 210	2.987	7 226	0.2	↑
Vendinha	Guadiana	0.074	199	0.126	304	52.8	↑
Albufeira Alto Lindoso	Lima/Neiva	20.898	55 973	26.798	64 830	15.8	↑
Ponte Barca	Lima/Neiva	38.293	102 563	20.652	49 961	-51.3	↓
Foz Mouro (Inag)	Minho/Ancora	244.793	655 653	258.64	625 703	-4.6	↓
Albufeira Aguieira	Mondego	28.685	76 829	34.408	83 239	8.3	↑
Ponte Cabouco	Mondego	1.77	4 742	1.983	4 798	1.2	↑
Ponte Juncais	Mondego	3.247	8 696	3.649	8 828	1.5	↑
Ponte Mocate	Mondego	10.943	29 311	11.221	27 147	-7.4	↓
Cerca Pomares/Ponte Pereiro	Rib. Algarve	0.031	82	0.082	198	>100	↑
Curral Boieiros	Rib. Algarve	0.349	936	0.099	239	-74.5	↓
Ponte Rodoviária	Rib. Algarve	0.687	1 840	1.269	3 070	66.8	↑
Moinho Gamitinha	Sado	3.026	8 105	6.093	14 739	81.9	↑
Ponte Alvalade - Sado	Sado	0	0	0	0	0	=
Torrão Alentejo	Sado	0.56	1 499	1.193	2 887	92.6	↑
Albufeira Cabril	Tejo	28.284	75 756	27.042	65 421	-13.6	↓
Albufeira Fratel	Tejo	35.39	94 789	33.836	81 856	-13.6	↓
Albufeira Maranhão	Tejo	5.432	14 548	8.364	20 234	39.1	↑
Albufeira Montargil	Tejo	7.136	19 112	18.007	43 563	>100	↑
Couto Andreiros	Tejo	0.343	919	0.392	949	3.3	↑
Fábrica Matrena	Tejo	4.25	11 384	5.92	14 322	25.8	↑
Ponte Redonda	Vouga	8.462	22 665	8.969	21 699	-4.3	↓
Ponte Vouzela	Vouga	0.765	2 049	3.187	7 710	>100	↑

2. SITUAÇÃO DAS RESERVAS DE ÁGUA

2.1. Avaliação das Reservas Hídricas Superficiais

Os volumes armazenados nas principais albufeiras do País registam um aumento em relação à quinzena anterior (Figura 7).

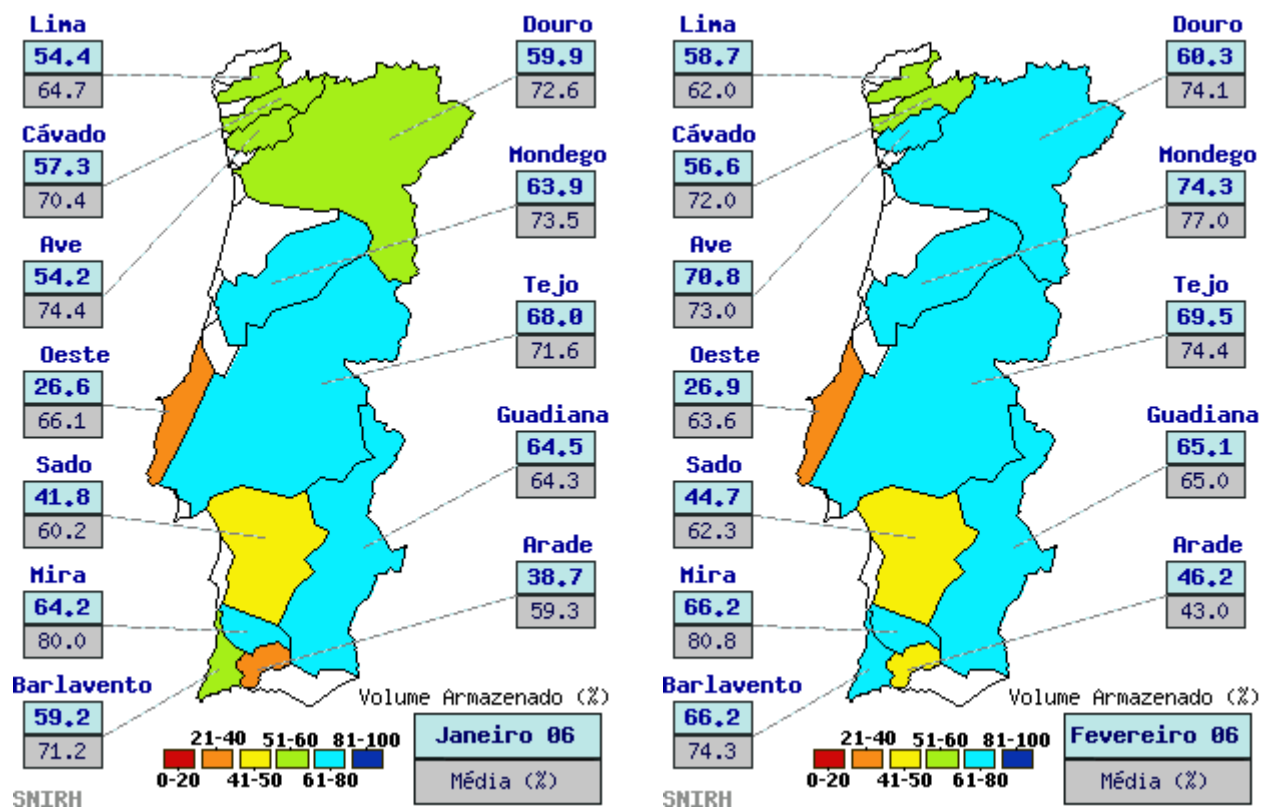


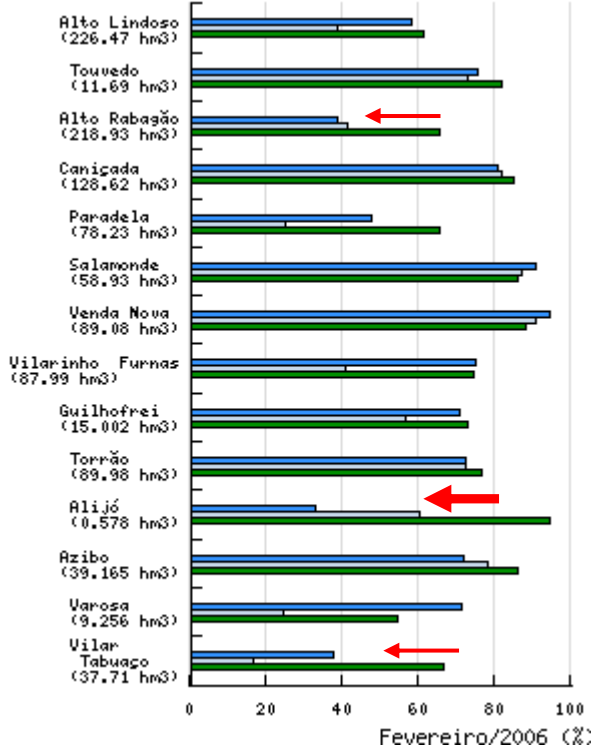
Figura 7 – Percentagem da capacidade total em Janeiro (esq.) e Fevereiro de 2006 (drt.)

Como se pode observar pelos mapas, a evolução da situação no que se refere ao armazenamento de albufeiras desagravou-se em grande parte de Portugal Continental, verificando-se um aumento do volume armazenado em 11 bacias hidrográficas e uma descida em apenas 1.

Das 57 albufeiras monitorizadas, 10 apresentam disponibilidades hídricas superiores a 80% do volume total e 12 têm disponibilidades inferiores a 40% do volume total.

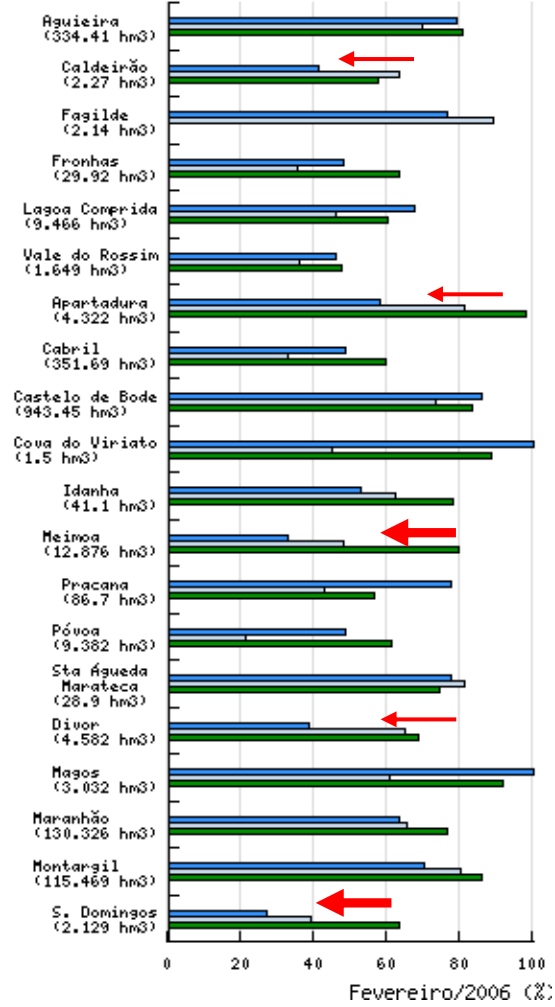
Os armazenamentos de Fevereiro de 2006 por bacia hidrográfica apresentam-se inferiores às médias de armazenamento de Fevereiro (período 1990/2000), excepto para a bacia do Arade.

Bacias do Lima, Cávado, Ave, Tâmega e Douro

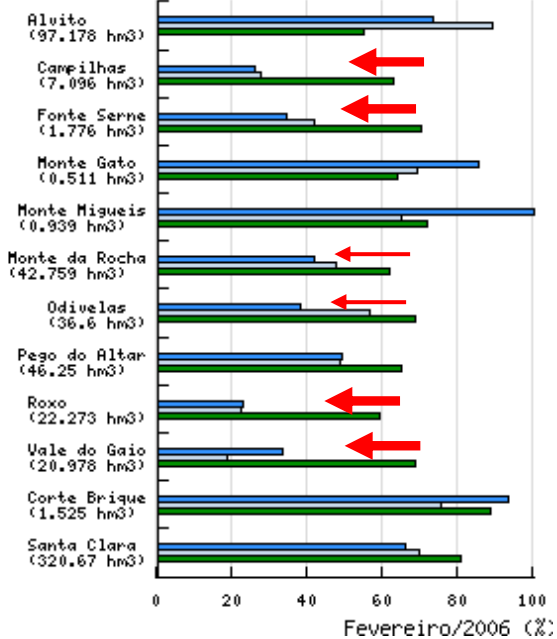


← Situação crítica
 ← Situação preocupante

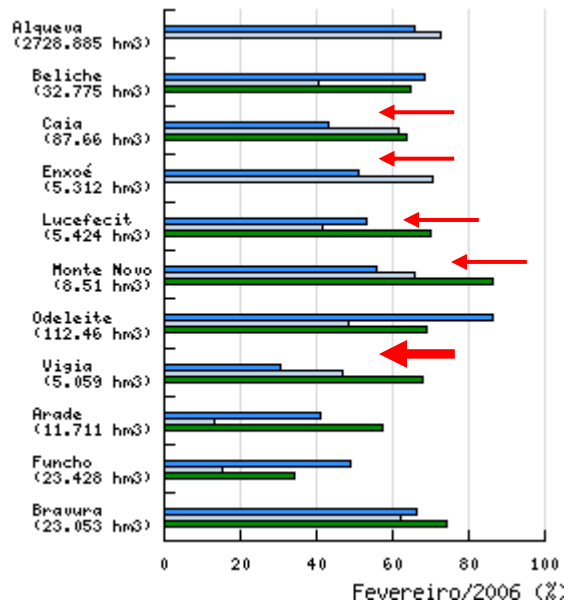
Bacias do Mondego, Tejo, Sorraia e Oeste



Bacias do Sado e Mira



Bacias do Guadiana, Arade e Ribeiras do Barlavento



■ 2005/06 ■ 2004/05 ■ Média 1990/2000

Figura 8 – Situação de armazenamento em Fevereiro do ano hidrológico 2005/2006 nas principais bacias hidrográficas em relação à média no mesmo período e discriminada pelas principais albufeiras.

Embora não fazendo parte do conjunto das albufeiras apresentadas no gráfico anterior mereceram uma particular atenção os armazenamentos das pequenas albufeiras do Nordeste Transmontano que são origens do abastecimento de água às populações e também as que são origem de abastecimento de regadios colectivos, sobre as quais foram tomadas as medidas referidas no capítulo 3 seguinte.

2.2. Avaliação das Reservas Hídricas Subterrâneas

O acompanhamento da evolução do nível nos aquíferos, para efeitos do programa de avaliação da seca, é feito em 27 piezómetros (ver mapa), seleccionados pelas CCDRs, dos sistemas aquíferos do Algarve (11) e Alentejo (7) e, ainda, Lisboa e Vale do Tejo (4) e Centro (5).

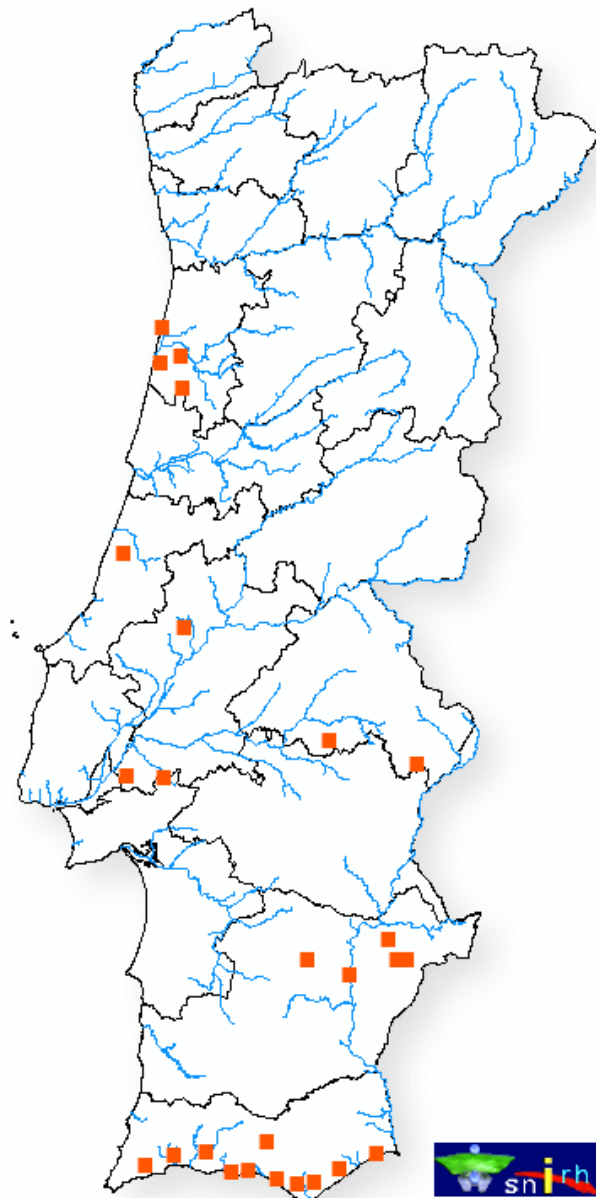


Figura 9

Nas figuras em anexo (Anexo II) reproduzem-se as variações nos pontos seleccionados que se resumem da seguinte maneira:

Região Centro

Verifica-se, em Fevereiro, uma ligeira subida dos níveis piezométricos na maioria dos pontos observados. Salienta-se que os valores registados no corrente ano hidrológico permanecem significativamente inferiores à média mensal dos anos anteriores.

Região Lisboa e Vale do Tejo

Em Fevereiro, mantém-se a tendência de subida dos níveis piezométricos, encontrando-se os níveis próximos da média mensal dos anos anteriores.

Região Alentejo

Verifica-se, em Fevereiro, uma estabilização dos níveis piezométricos relativamente ao mês anterior. Salienta-se que os valores observados no corrente ano hidrológico permanecem significativamente inferiores à média mensal dos anos anteriores.

Região Algarve

Em Fevereiro, verifica-se uma recuperação dos níveis piezométricos na generalidade dos pontos observados. Salienta-se que os valores permanecem significativamente inferiores à média mensal dos anos anteriores, nos sistemas aquíferos do Barlavento Algarvio, em especial no sistema aquífero Querença-Silves.

3. DESENVOLVIMENTO DAS TAREFAS DE PREPARAÇÃO PARA UMA POSSÍVEL SITUAÇÃO DE SECA

No seguimento da reunião de balanço da Comissão para a Seca 2005 realizada no dia 17 de Janeiro no Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Desenvolvimento Regional, tendo em conta a situação de incerteza quanto a precipitações no primeiro trimestre do ano, acordou-se na continuação do acompanhamento da situação neste período através de um grupo de representantes das principais entidades com competências na área da gestão da água, elaborando para o efeito um relatório periódico simplificado e propostas de instrumentos para a gestão de um eventual prolongamento da situação de seca no ano civil de 2006.

Nesta mesma reunião foi feita uma avaliação da situação de seca no continente, região a região, aprovado o Relatório de Balanço e equacionadas as medidas de acompanhamento a realizar nos próximos meses.

Relativamente à situação crítica do Nordeste Transmontano, e já relatada em anterior relatório, esta foi alvo de acompanhamento ao longo deste mês, tendo-se realizado uma reunião no dia 22 de Fevereiro, nas instalações do Gabinete de Apoio Técnico de Mirandela e que contou com a participação da CCDR Norte, INAG. Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro S.A., Águas de Carrazeda S.A e as Câmaras Municipais Vila Flor, Torre de Moncorvo, Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Alijó e Lamego para avaliação e análise das medidas e planos de acção a implementar de imediato para este conjunto de Municípios considerados mais críticos. Nesta reunião avaliou-se em detalhe a situação das origens de água destes concelhos e decidiram-se as medidas a tomar que constam dos planos de acção elaborados para este conjunto de Municípios pela empresa Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro S.A de acordo com o respectivo nível de risco da situação (Figura 10). Estes planos contêm um diagnóstico dos sistemas municipais em funcionamento e dependentes de origens (albufeiras) com níveis de armazenamento extremamente reduzidos (Anexo III). Para esse efeito, foram definidos cenários de prioridades em função das disponibilidades actuais e do horizonte expectável de garantia do abastecimento público.



Figura 10 – Situação do Abastecimento Público no Nordeste Transmontano

Da análise do trabalho realizado e apresentado pelas Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro resulta a conclusão de que começam a estar reunidas as condições para encarar a situação crítica do abastecimento urbano destes Municípios com alguma segurança, desde que obviamente se iniciem desde já as acções previstas e identificadas.

As Águas de Carrazeda, entidade gestora responsável pela distribuição em alta e baixa ao Concelho de Carrazeda de Ansiães, apresentaram igualmente a sua proposta de plano de acções identificando um conjunto de medidas prioritárias, estruturadas de acordo com a metodologia de abordagem adoptada para todos os Municípios.

De um modo geral os planos discutidos contemplam (i) a realização de acções de sensibilização junto dos utilizadores; (ii) o controle e monitorização de consumos; (iii) a reutilização de águas residuais tratadas e controle de perdas; (iv) a reabilitação de captações e origens desactivadas; (v) a execução de novas origens subterrâneas; (vi) a execução de infra-estruturas de reforço de caudal a partir de outros cursos de água; (vii) a antecipação da exploração de acções em curso pelo Sistema Multimunicipal.

As acções de cariz mais infra-estrutural estão avaliadas no seu conjunto em 2,158 milhões de euros, carecendo da definição de um modelo financeiro de suporte à sua concretização.

Os presidentes de Câmara manifestaram a sua concordância com as propostas apresentadas, levantando contudo questões relativas à celeridade das intervenções o que implica a simplificação dos procedimentos administrativos inerentes à contratação de bens, serviços e empreitadas, dando

nota do interesse imperioso em prolongar a vigência dos diplomas que no ano passado possibilitaram a execução atempada de obras de emergência (D.L. n.º 131, 132 e 133/2005 de 16 de Agosto).

Igual nota foi dada quanto à rapidez na obtenção de autorizações e licenciamentos ambientais em especial quanto à ocupação do domínio hídrico e R.E.N.

Apesar das precipitações ocorridas nos últimos dias, afigura-se que a recuperação dos níveis das albufeiras dificilmente atingirá valores que deixem uma margem de conforto razoável para enfrentar a próxima estiagem sem problemas.

Em todo o caso, as entidades gestoras dos sistemas de abastecimento urbano de água estão conscientes das medidas a adoptar, da sua urgência e também da necessidade de se suspenderem desde já consumos de rega nas albufeiras de fins múltiplos.

Ficou ainda acordado entre as Câmaras Municipais uma apresentação conjunta ao Senhor Secretário de Estado do Ambiente de um pedido de excepcionalidade em matéria de apoio financeiro e das disposições legais atrás referidas a aplicar aos municípios em situação mais preocupante nesta zona geográfica.

Também foram objecto de análise e decisão outras barragens e albufeiras desta região na sequência das deliberações tomadas pela Subcomissão Regional de Gestão de Albufeiras da Zona Norte na sua sessão de 27 de Janeiro de 2006 e que a seguir se relatam.

- Sobre a barragem de Santa Justa foi realizada uma reunião no dia 2 de Fevereiro na qual o dono de obra, a Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes, se comprometeu a entregar o relatório síntese referente à execução da obra previsto no Regulamento de Segurança de Barragens até ao dia 15 de Fevereiro, e tendo em atenção que o Plano de Emergência Interno já foi entregue ao INAG, a visita de inspecção prévia ao primeiro enchimento da albufeira ficou marcada para o dia 16 de Fevereiro de 2006.
- Sobre a barragem de Armamar, cujo dono de obra é a Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes, não se encontrando instalado a aparelhagem do Plano de Observação, em reunião efectuada a 2 de Fevereiro, a Autoridade apenas autorizou o fecho do rolhão do desvio provisório, que deverá demorar cerca de 1 mês, que tem como consequência o enchimento do volume morto equivalente a 200 000 m³.
- Sobre a barragem Vale Torno, em reunião efectuada a 9 de Fevereiro, o Dono de Obra, a empresa Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro, comprometeu-se a ter os aterros e a descarga de fundo concluídos até 17 de Fevereiro, e os equipamentos previstos no Plano de Observação instalados a 6 de Março. Assim, a inspecção prévia ao primeiro enchimento da albufeira ficou marcada para o dia 9 de Março de 2006.
- Sobre a barragem de Vale Madeiro, cujo Dono da Obra é Direcção Regional de Agricultura de Trás-os-Montes não houve necessidade de tomar nenhuma decisão adicional porque a mesma se encontra em fase de primeiro enchimento após inspecção prévia efectuada em 25 de Janeiro de 2006.

Para avaliar a situação das origens de água de fins múltiplos e de abastecimento às populações foram promovidas durante o mês de Fevereiro com carácter de urgência e antecipação as restantes reuniões das Subcomissões Regionais de Gestão de Albufeiras, ou seja, as das Zonas Sul, no dia 15 de Fevereiro em Évora, e da Zona Centro, no dia 16 de Fevereiro em Coimbra, cujas Actas provisórias, conjuntamente com as das reuniões da Comissão de Gestão de Albufeiras, realizada no dia 24 de Janeiro, e da Subcomissão Regional da Zona Norte, realizada em 27 de Janeiro em Mirandela, foram colocadas para informação pública no sítio da seca na Internet.

Em resultados destas reuniões foram decididas restrições ao regadio para assegurar o abastecimento às populações para os próximos dois anos, designadamente com restrições severas nas albufeiras do Roxo e da Vigia no Alentejo. Nesta região também apresentam limitações de abastecimento para a rega as albufeiras de Lucefecit, Apartadura, Fonte Serne, Vale de Gaio e Pego do Altar.

Na zona centro apenas as albufeiras da Meimoa e de S. Domingos tem fortes restrições encontrando-se as restantes albufeiras em situação favorável e sem restrições.

3.1. Ponto de situação dos trabalhos de preparação para uma eventual situação de seca

3.1.1. Especificações gerais para a elaboração de Planos de Contingência para situações de ruptura dos sistemas de abastecimento de água às populações, pecuária e regadio

O Grupo de Trabalho responsável pela elaboração de especificações gerais para Planos de Contingência, composto pelas Águas de Portugal, Instituto da Água, Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica, Instituto de Meteorologia, Instituto Regulador de Águas e Resíduos e Serviço Nacional de Bombeiros e Protecção Civil (*focal-point*), deu continuidade no mês de Fevereiro aos trabalhos desenvolvidos anteriormente.

O Grupo reuniu por duas vezes para analisar Planos de Contingência já elaborados e para sistematizar a informação disponível, de modo a poder ser incluída num Guia Orientador. Optou-se por criar um documento que, numa primeira parte, defina linhas gerais para o funcionamento de um Programa de Acompanhamento e Resposta aos Efeitos da Seca, e, numa segunda parte, inclua orientações para a elaboração dos Planos de Contingência propriamente ditos.

Procede-se actualmente à afinação dos conteúdos do documento, de modo a torná-lo num guia expedito, ajustável à realidade de cada entidade gestora, com indicações exemplificativas quanto ao conteúdo dos Planos. O documento deverá estar concluído no final do mês de Março (Anexo IV).

3.1.2. Bases gerais para a promoção de campanhas de sensibilização do uso da água em situações de seca de âmbito nacional, regional e local

Trabalho em elaboração (Anexo V).

3.1.3. Sistema simplificado de identificação, quantificação, tratamento e avaliação de dados e informações sobre as principais utilizações de água nas zonas de risco de seca

Foram elaboradas Fichas Metodológicas referentes às utilizações Abastecimento Urbano, Agricultura (Regadio e Pecuária), Actividades Turísticas (Golf e Aquaparcos) e Energia para discussão entre os vários membros que constituem este Grupo de Trabalho (Anexo VI), e que representam as seguintes entidades: Instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica, Direcção-Geral de Empresas, Direcção-Geral de Geologia e Energia, Águas de Portugal, Comissões de Coordenação e Desenvolvimento Regional e Instituto da Água (*focal-point*).

Ainda este mês foram avaliadas, numa primeira fase, as autarquias que seriam alvo do levantamento referente ao Abastecimento Urbano, estando por aferir o critério de selecção.

3.1.4. Definição de critérios e meios a utilizar no apoio técnico e financeiro às entidades com dificuldades técnicas e financeiras decorrentes da seca

Trabalho em elaboração (Anexo VII).

3.1.5 Proposta de enquadramento institucional relativa à criação de um sistema permanente de previsão e acompanhamento de situações de seca.

Aguarda constituição do grupo e respectivo *focal point* (Anexo VIII).

4. AVALIAÇÃO GERAL E CONCLUSÕES

Este é o 2º Relatório Mensal do acompanhamento transitório da situação de seca a vigorar até dia 31 de Março de 2006.

No capítulo 1 e respectivo anexo, caracterizam-se as componentes de índole natural, através das quais se manifesta o fenómeno da seca, e no capítulo 2 e respectivo anexo sistematiza-se a informação relativa às reservas de água em albufeiras e em aquíferos mais relevantes.

No capítulo 3, estão sistematizadas as tarefas de preparação para uma possível situação de seca e o seu estado de desenvolvimento, com o objectivo de, até ao final do primeiro trimestre de 2006, estar disponível um ponto de situação sobre as situações críticas, bem como os instrumentos para as entidades gestoras e da administração passarem à elaboração concreta das medidas a operacionalizar no início da primavera, nomeadamente os planos de contingência, o material da eventual campanha de sensibilização e o sistema de recolha de informação sobre as utilizações da água.

No que se refere à situação meteorológica, no final deste mês de Fevereiro, há a registar em relação a 31 de Janeiro de 2006 um ligeiro aumento do valor da classe de seca moderada e fraca que em termos de área afectada passaram de 9% para 12% e de 83% para 85%, respectivamente.

Em matéria de reservas de água, constata-se que a evolução da situação no que se refere ao armazenamento de albufeiras desagravou-se na generalidade do Continente, mantendo-se muito abaixo da média nas Ribeiras do Oeste. Na região do Alentejo verifica-se que a situação geral dos armazenamentos das albufeiras ronda os 50% do armazenamento, mantendo-se críticas as situações das albufeiras de Roxo, Vale do Gaio, Vigia, Campilhas e Fonte Serne. Na região Centro são as albufeiras d Meimoa e S. domingos que se encontram em situação crítica, sendo a situação das restantes albufeiras bastante favorável. As regiões do Alentejo interior e do Nordeste Transmontano (Terra Quente) é onde ainda persiste algumas inquietações sobre as disponibilidades de água nas origens de abastecimento

Relativamente às reservas subterrâneas, à excepção da região centro onde se verifica uma ligeira descida dos níveis piezométricos, as restantes regiões apresentam estabilização ou mesmo subida dos níveis, salientando-se que os valores observados no corrente ano hidrológico permanecem significativamente inferiores à média mensal dos anos anteriores.

Relativamente à situação crítica do Nordeste Transmontano, apesar das precipitações ocorridas nos últimos dias, afigura-se que a recuperação dos níveis das albufeiras dificilmente atingirá valores que deixem uma margem de conforto razoável para enfrentar a próxima estiagem sem problemas. As entidades estão conscientes das medidas a adoptar, da sua urgência e também da necessidade de se suspenderem desde já consumos de rega nas albufeiras de fins múltiplos.

Do trabalho realizado pelas empresas Águas de Trás-os-Montes e Alto Douro e as Águas de Carrazeda resultaram os planos de acção para os concelhos com as origens de água em situação mais crítica e pode concluir-se que começam a estar reunidas as condições para encarar a situação crítica do abastecimento urbano destes Municípios com alguma segurança, desde que obviamente se iniciem desde já as acções previstas e identificadas.

No essencial, os Planos privilegiam medidas de usos eficientes da água, obras de emergência de captação e transporte de água por condutas de reforço das actuais origens, a eliminação de fugas, usos indevidos e campanhas de sensibilização dos utilizadores.

Para avaliar a situação das origens de água de fins múltiplos e de abastecimento às populações foram também promovidas durante o mês de Fevereiro com carácter de urgência e antecipação as restantes reuniões das Subcomissões Regionais de Gestão de Albufeiras, ou seja, as das Zonas Sul, no dia 15 de Fevereiro em Évora, e da Zona Centro, no dia 16 de Fevereiro em Coimbra, cujas Actas provisórias, conjuntamente com as das reuniões da Comissão de Gestão de Albufeiras, realizada no dia 24 de Janeiro, e da Subcomissão Regional da Zona Norte, realizada em 27 de Janeiro em Mirandela, foram colocadas para informação pública no sítio da seca na Internet.

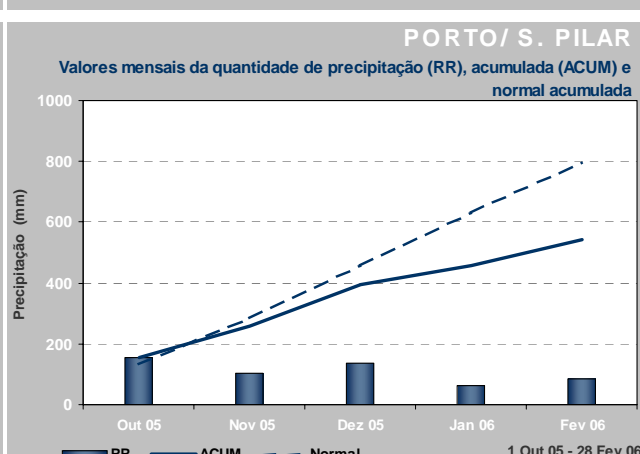
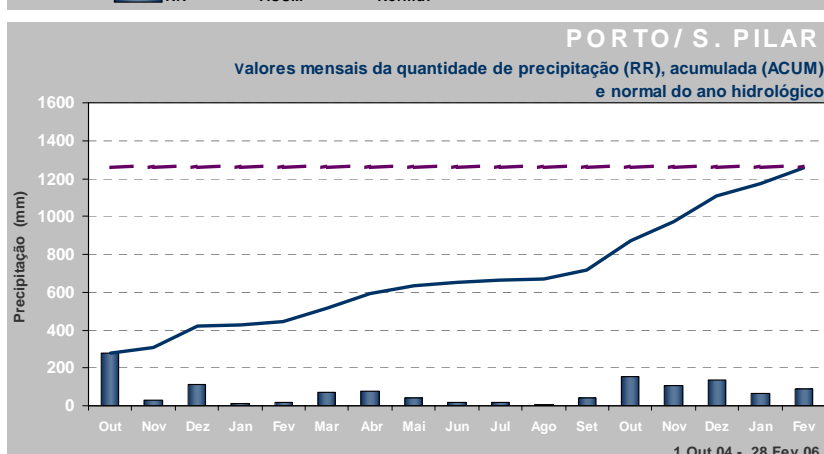
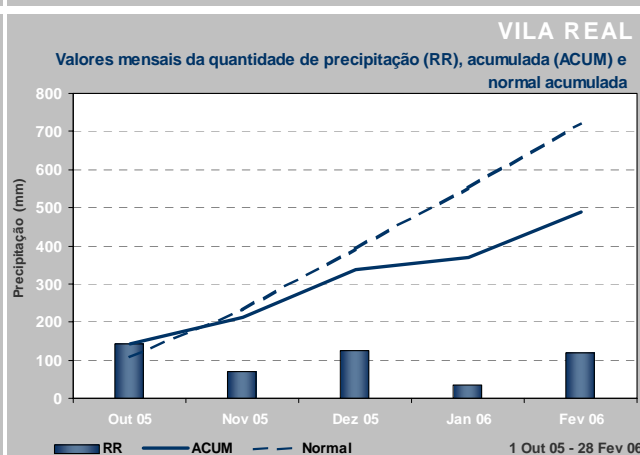
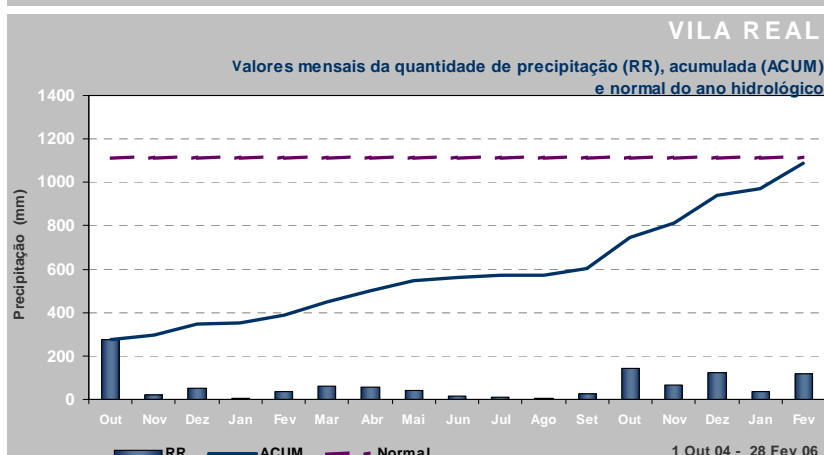
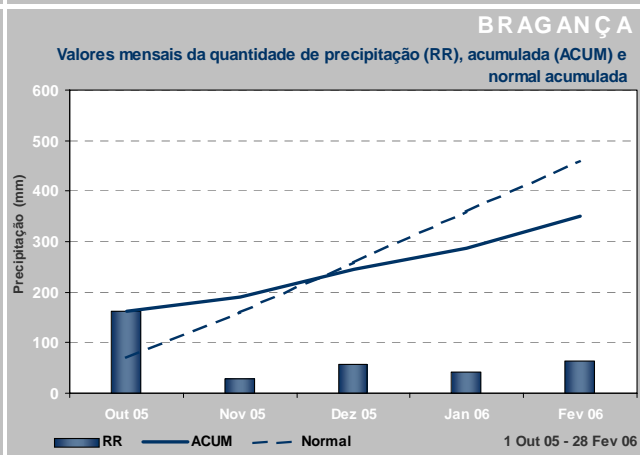
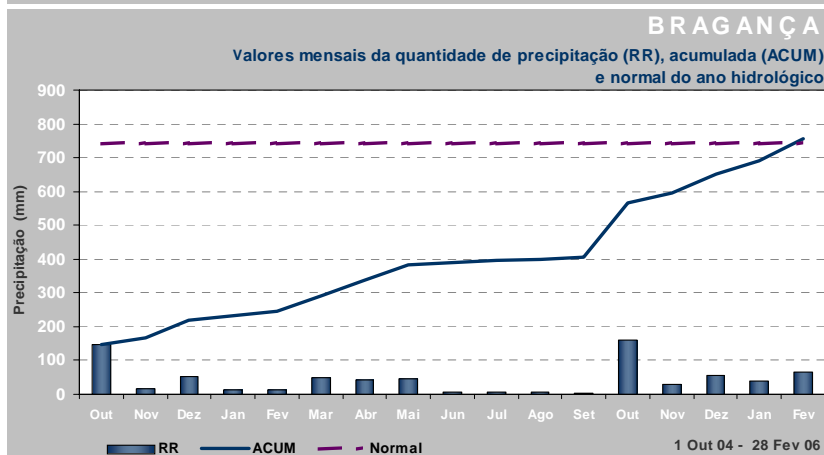
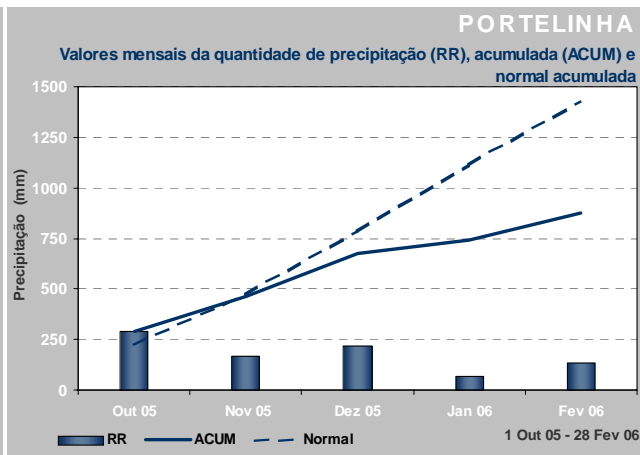
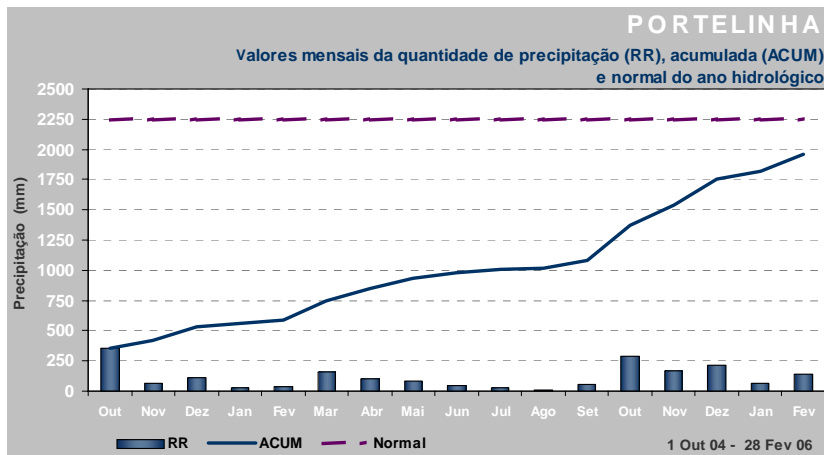
Os trabalhos de preparação para eventual situação de seca decorrem com normalidade nalgumas frentes cujos resultados são esperados para final de Março.

ANEXOS

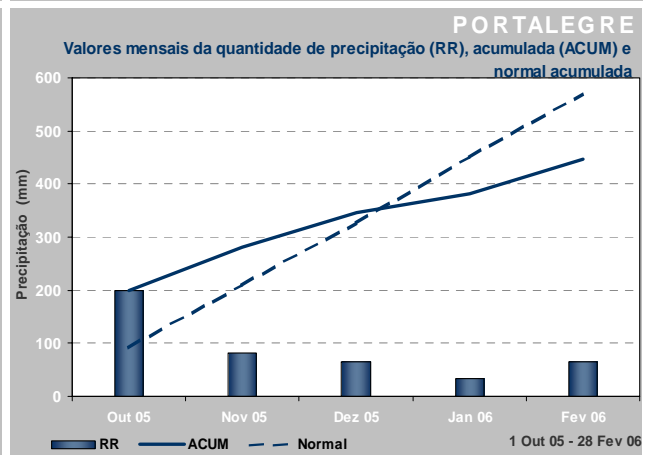
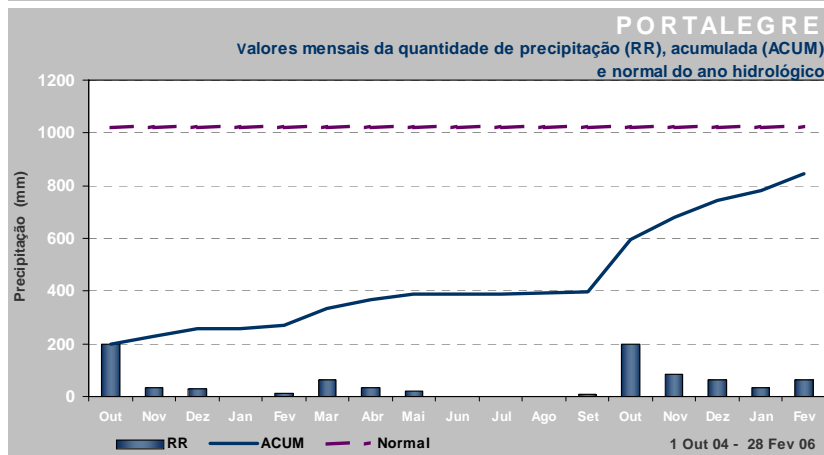
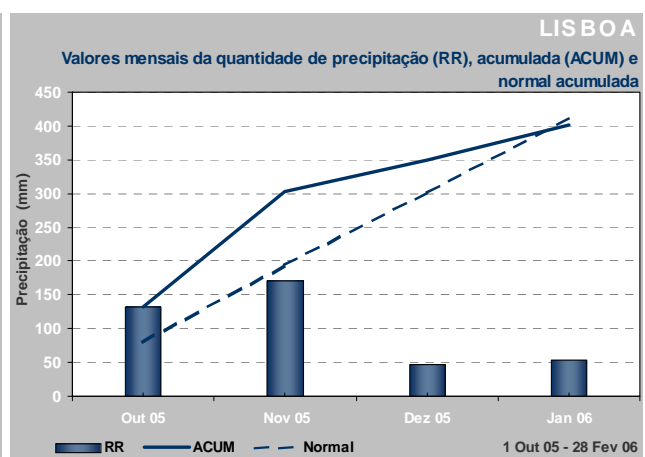
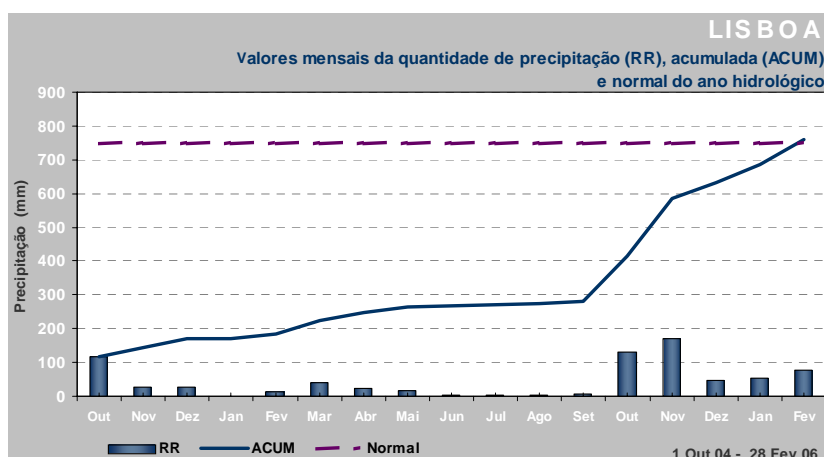
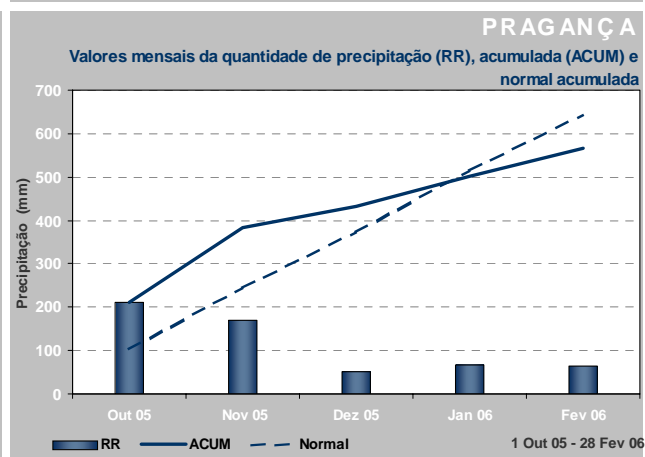
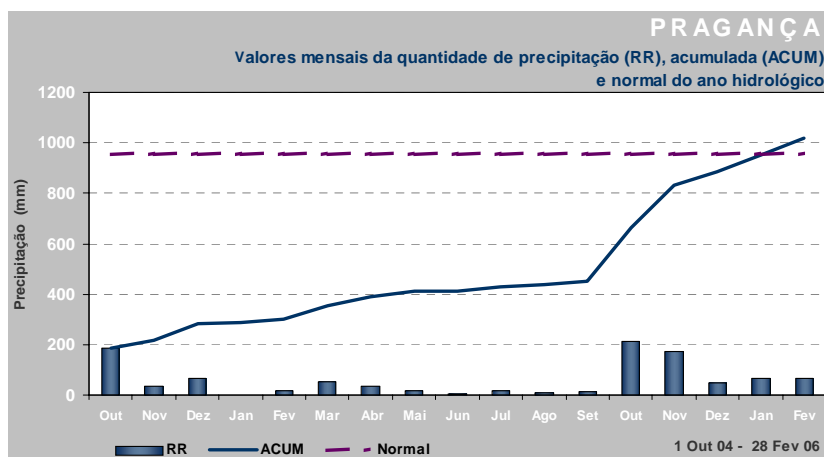
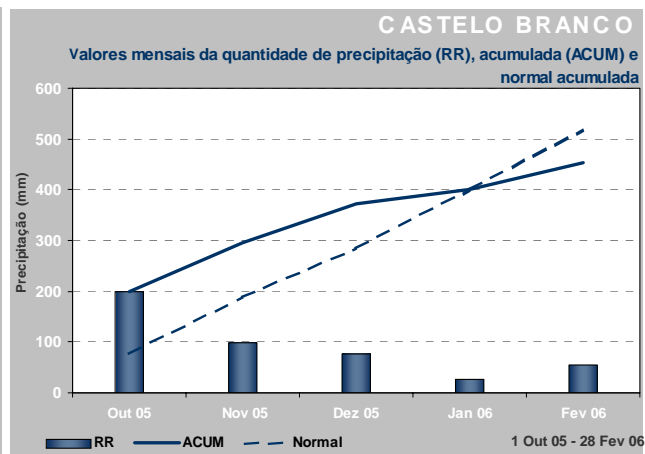
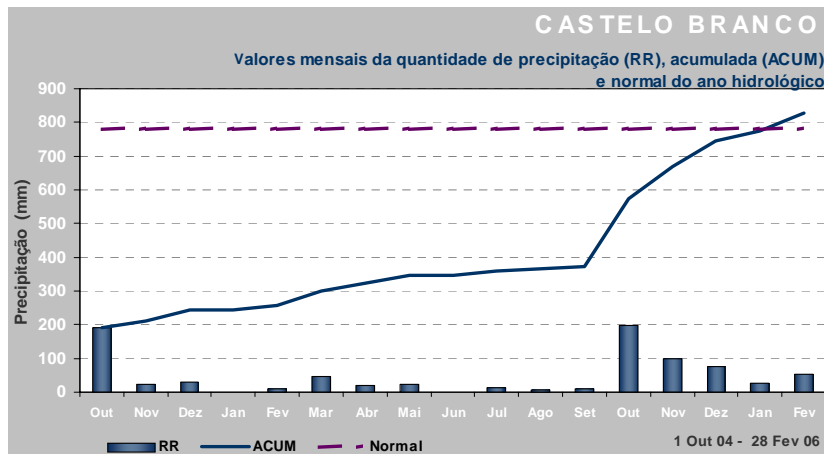
**Anexo I – VALORES DA QUANTIDADE DE PRECIPITAÇÃO E % EM RELAÇÃO
À MÉDIA (1961-90)
(Fonte: IM e INAG)**

Estação	Precipitação 1– 28 Fev 06 mm	Precipitação Acumulada 1 Out. 05 – 28 Fev. 06	
		mm	%
Portelinha	135.5	878	61
Deilão	49.7	260	54
Travancas	46.3	336	58
Bragança	64.0	351	76
Pte. da Barca	110.6	722	67
Pte. de Lima	117.6	636	61
Viana do Castelo	103.6	695	75
Barcelos	100.1	586	58
Mirandela	34.1	226	75
Sta Marta da Montanha	140.3	612	58
Folgares	58.3	311	84
Vila Real	118.0	489	68
Porto/S.Pilar	86.4	544	68
Escalhão	45.7	306	94
Castro Daire	106.4	703	65
Pega	41.1	296	56
Santa Comba Dão	152.5	513	67
Covilhã	118.3	737	64
Coimbra	81.5	424	67
Soure	78.4	386	71
Castelo Branco	54.1	454	88
Vila Velha de Rodão	59.2	437	85
Abrantes	60.6	382	81
Castelo de Vide	68.3	399	75
Portalegre	65.3	446	78
Pragança	65.3	567	88
B. Magos	60.0	373	82
B.Caia	30.6	279	87
S.Julião do Tojal	102.6	509	96
Lisboa	76.2	479	92
Évora	47.5	370	91
Viana do Alentejo	48.0	334	74
Grândola	47.5	376	82
Beja	34.6	326	85
Alvalade	55.7	414	107
Relíquias	62.2	452	95
Martim Longo	41.8	377	106
B. Bravura	78.3	471	91
S. Brás de Alportel	54.3	577	83
Faro	45.5	414	104
Sagres	66.1	482	136

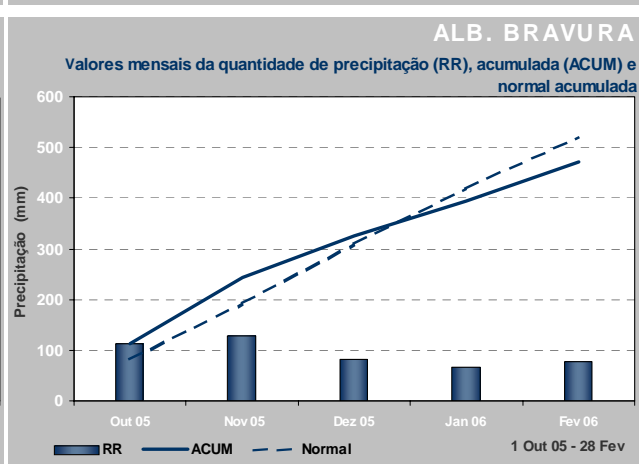
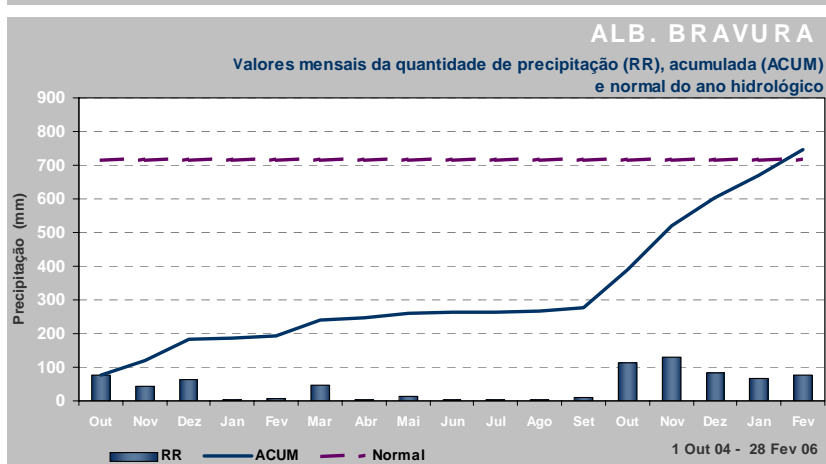
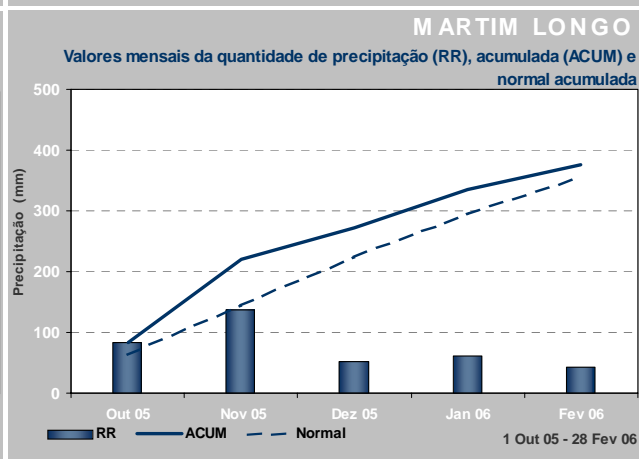
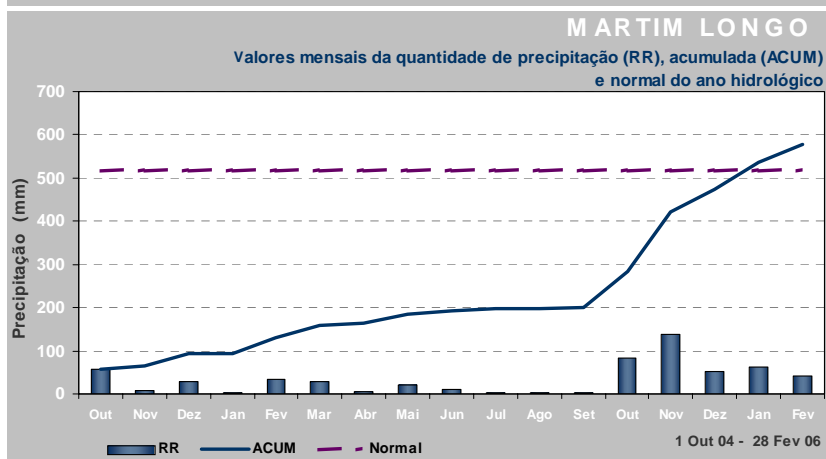
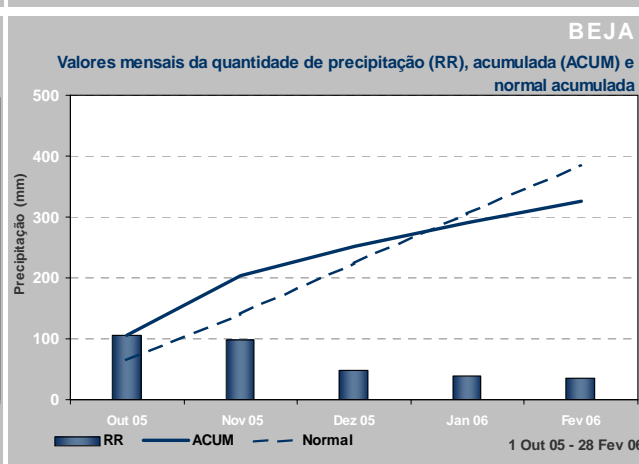
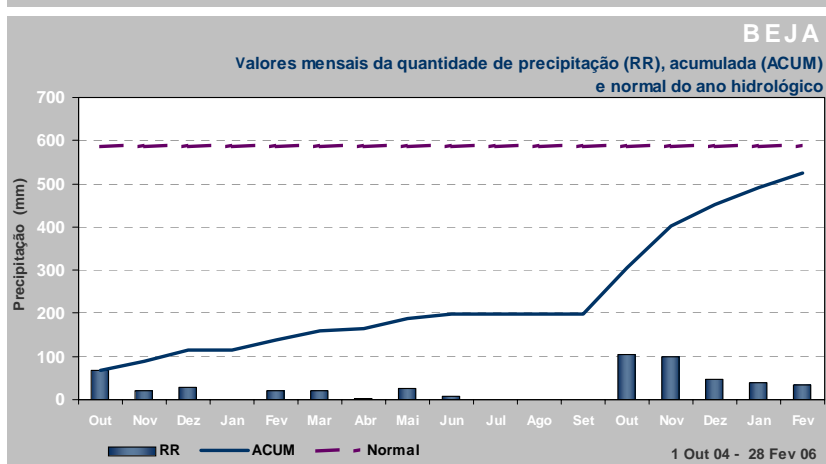
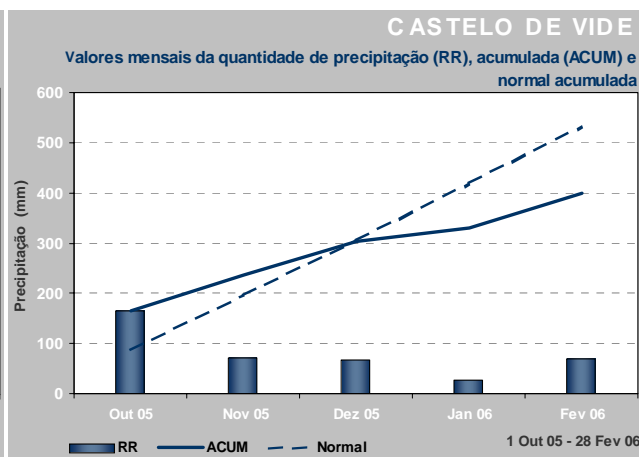
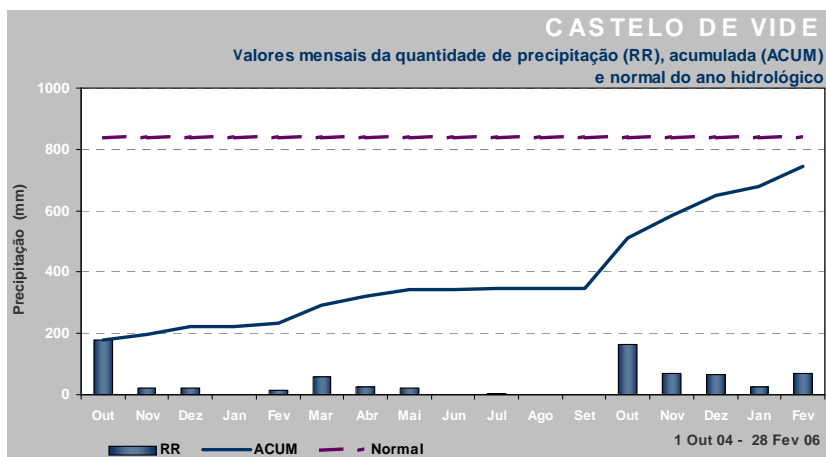
Valores da quantidade de precipitação, acumulada mensal e normal acumulada



Valores da quantidade de precipitação, acumulada mensal e normal acumulada

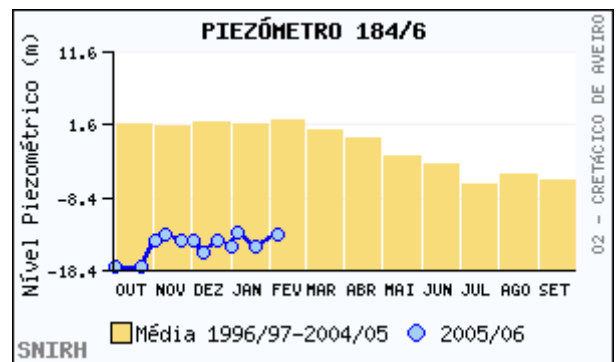
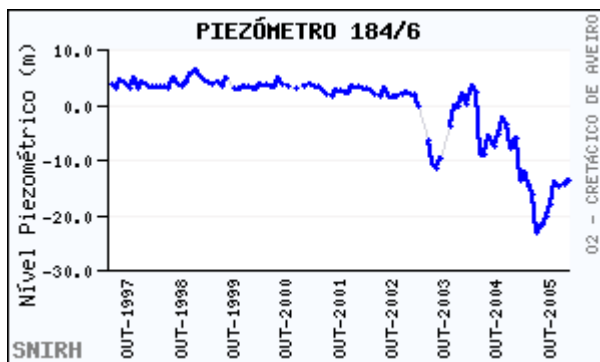
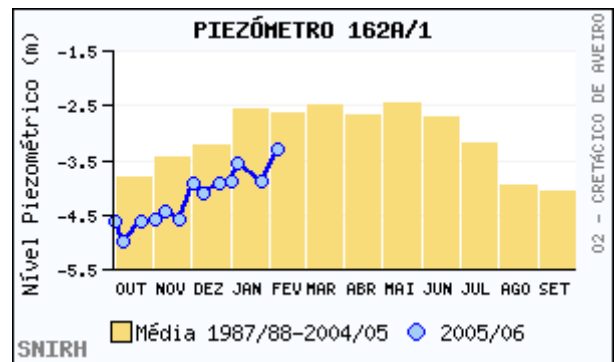
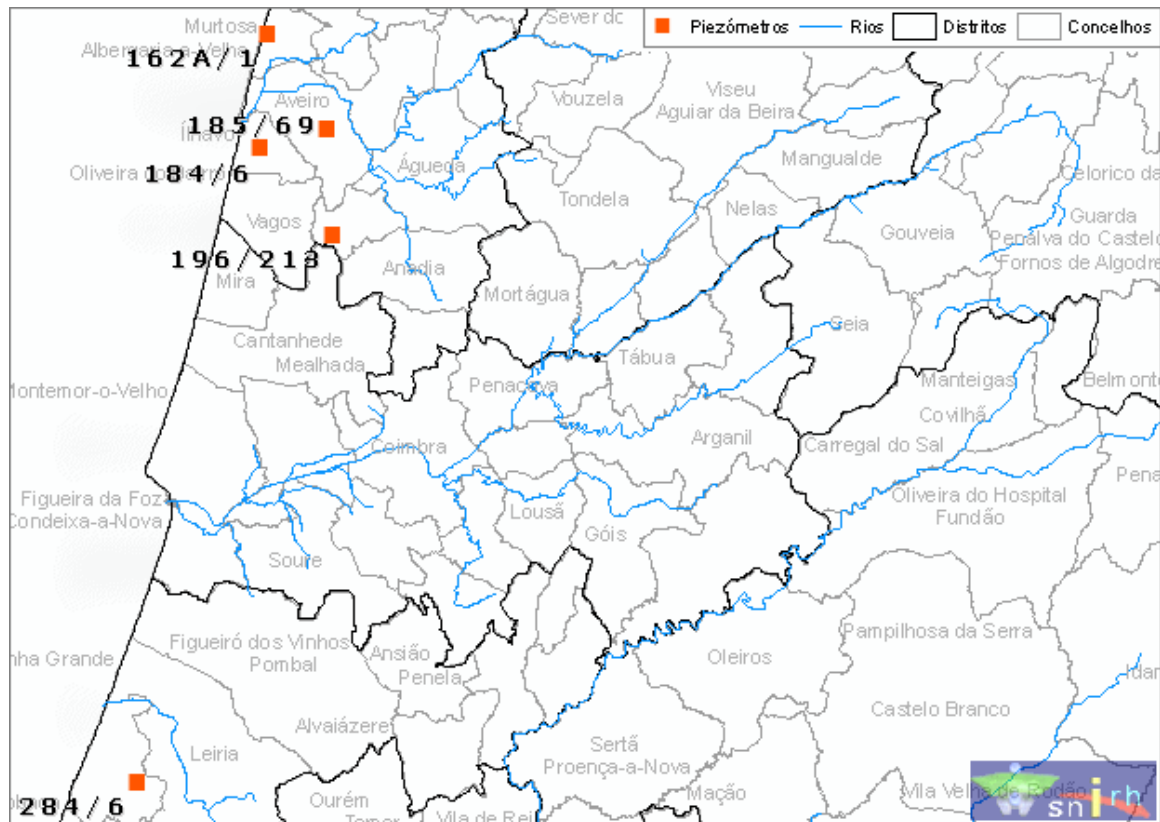


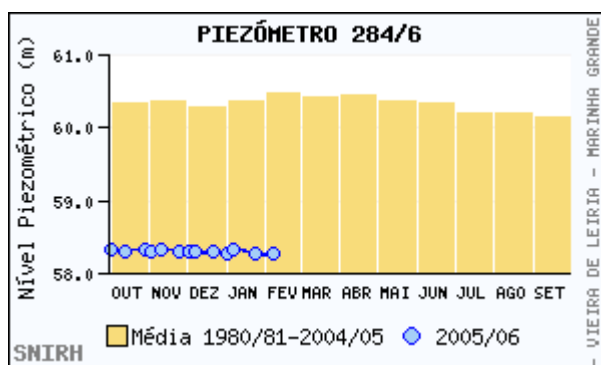
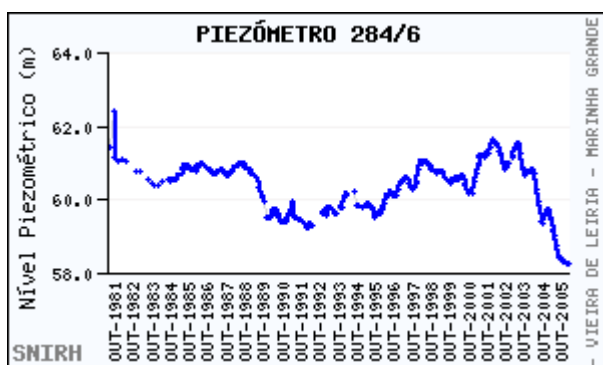
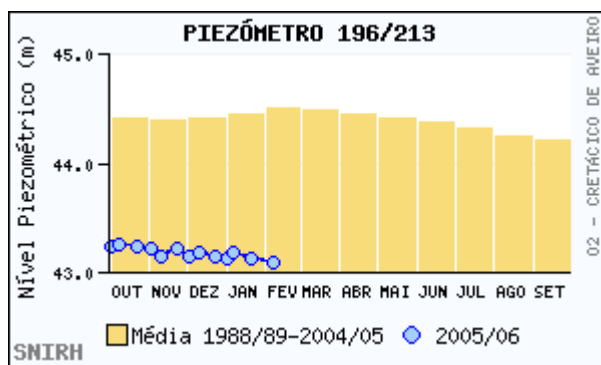
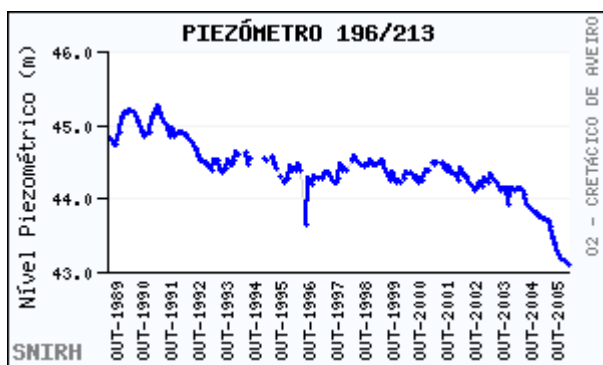
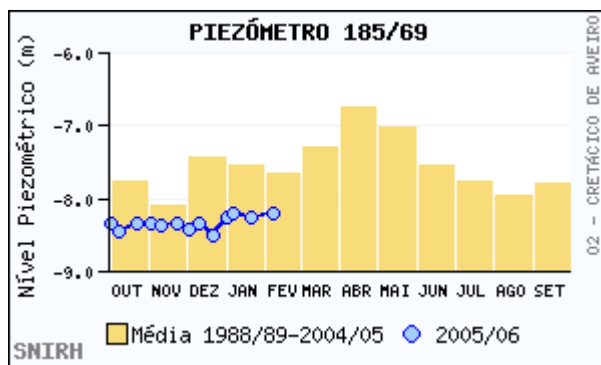
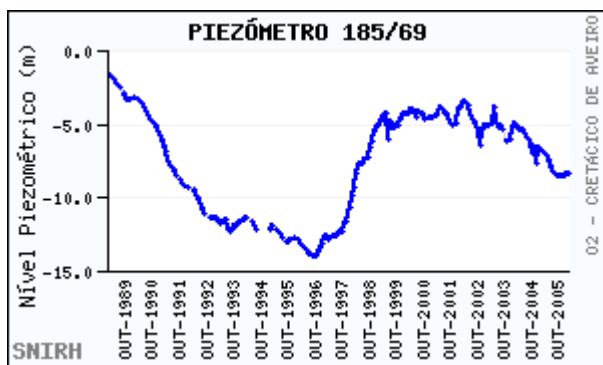
Valores da quantidade de precipitação, acumulada mensal e normal acumulada



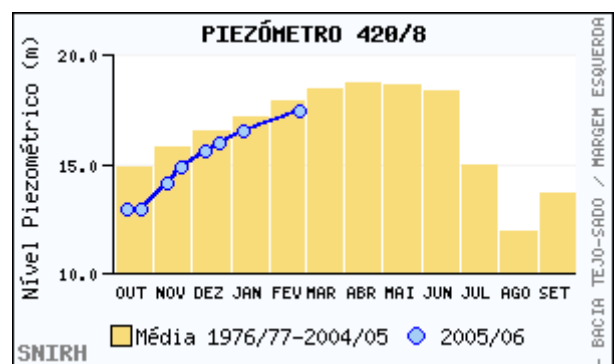
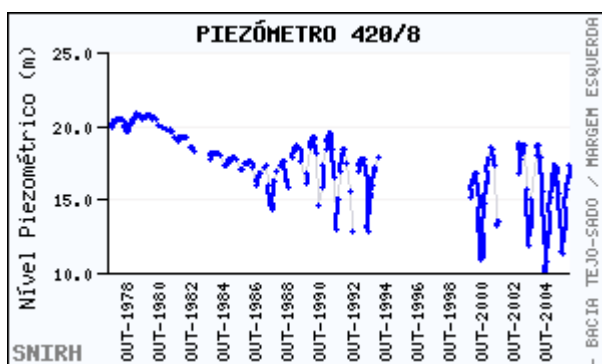
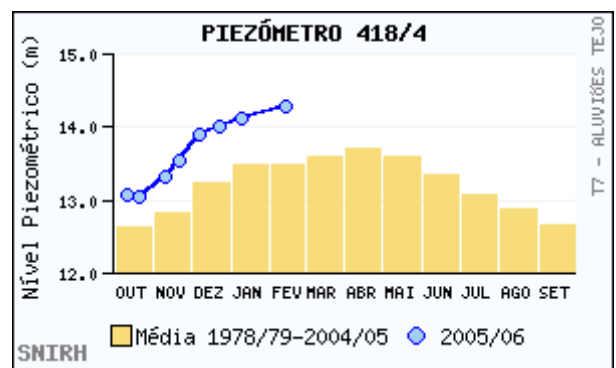
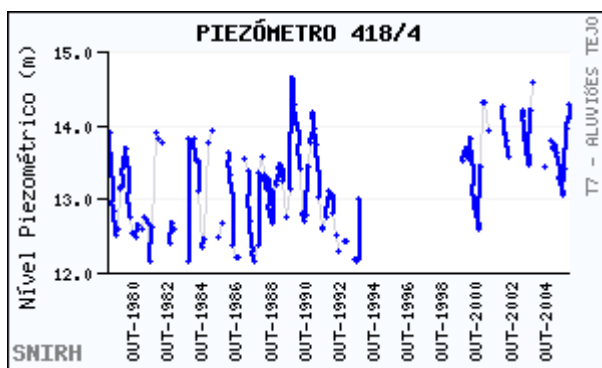
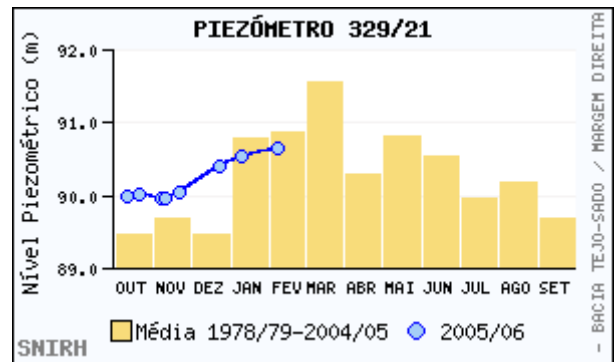
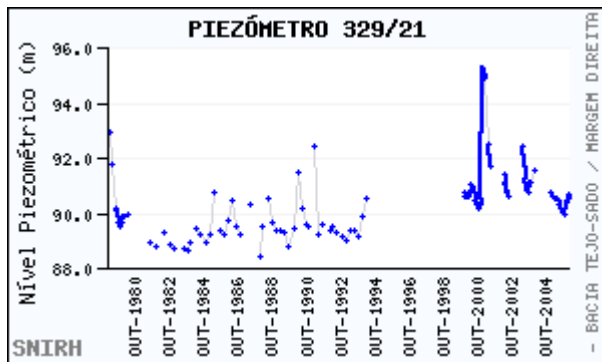
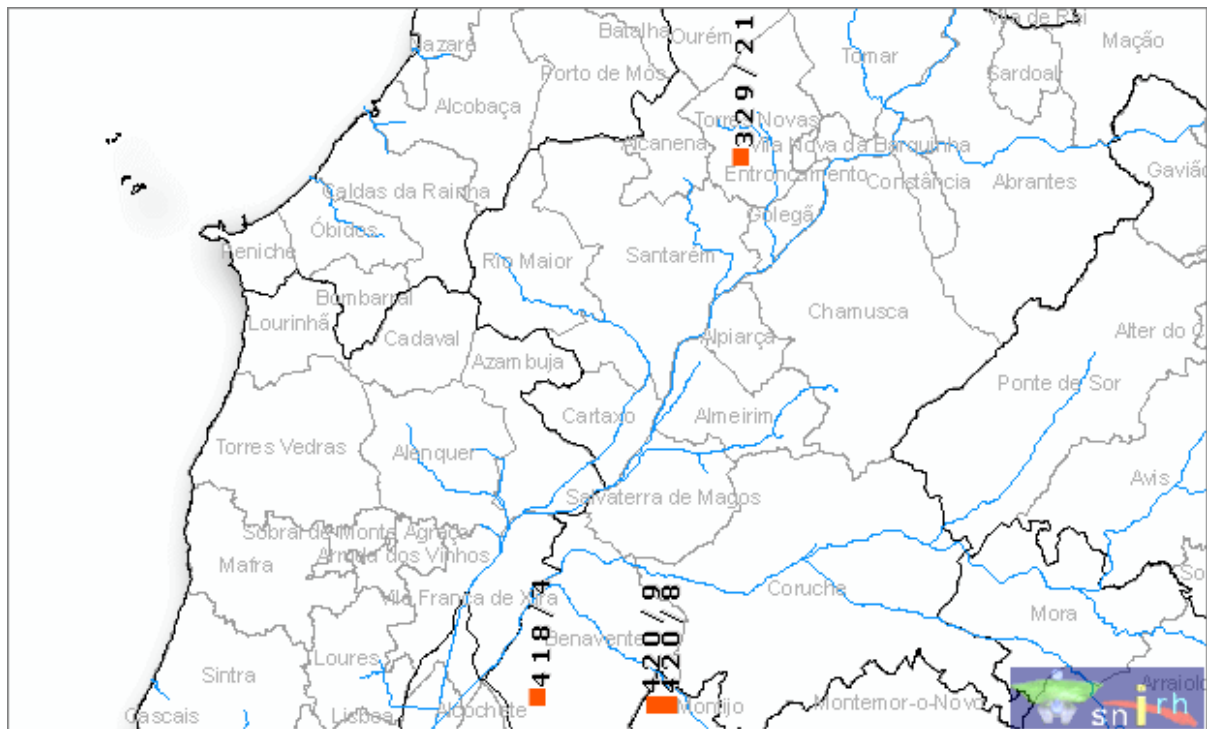
ANEXO II – EVOLUÇÃO PIEZOMÉTRICA

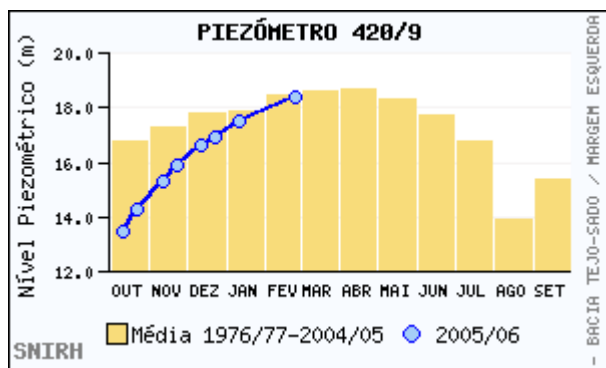
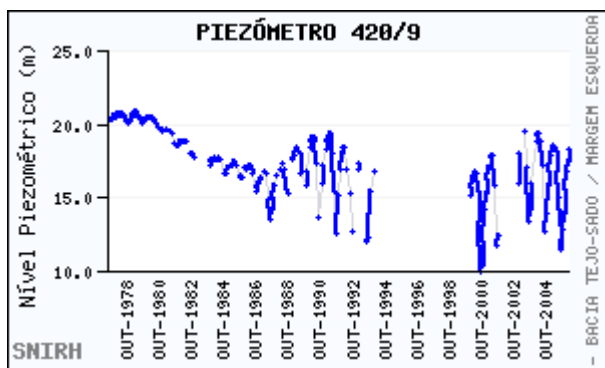
Região Centro



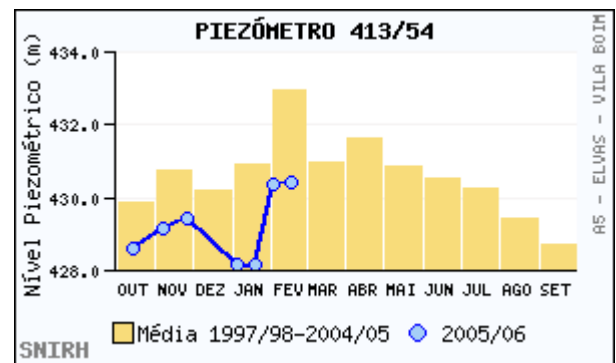
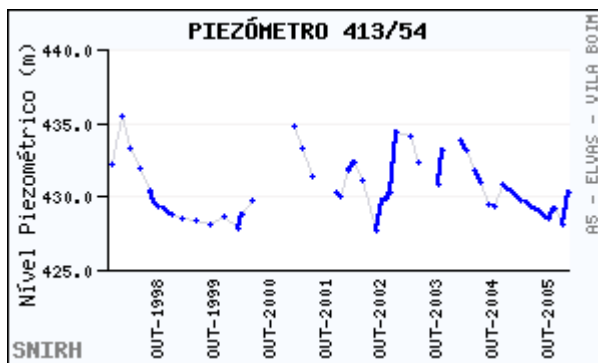
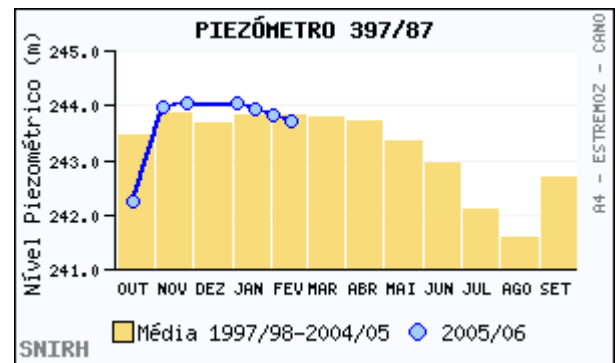
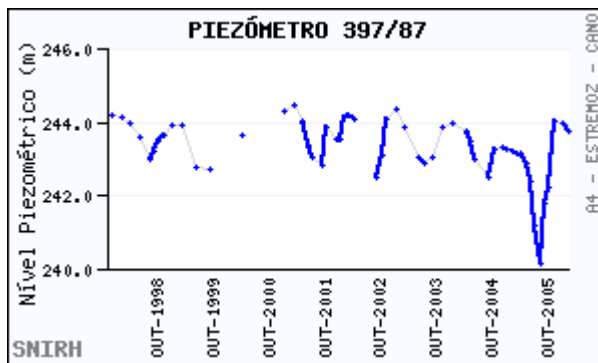
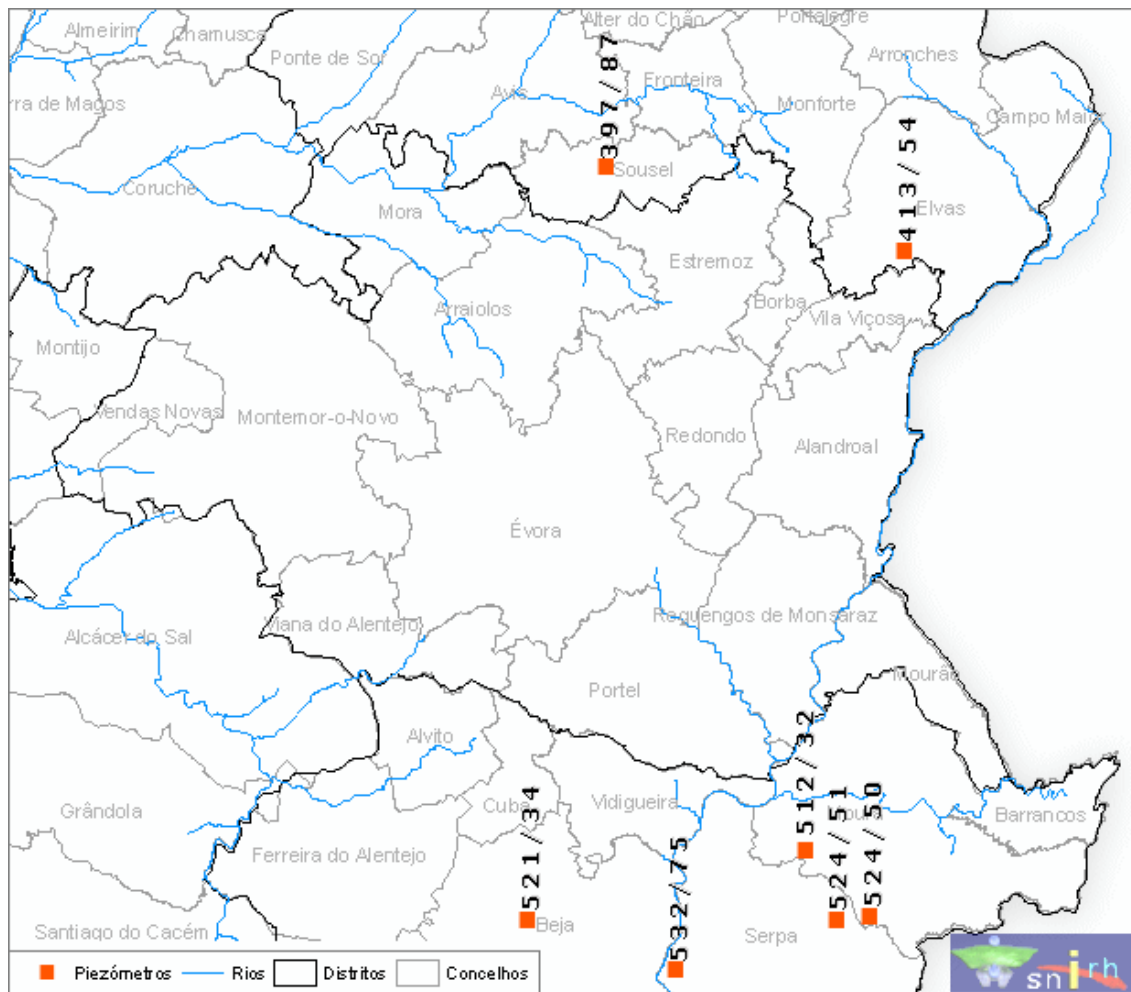


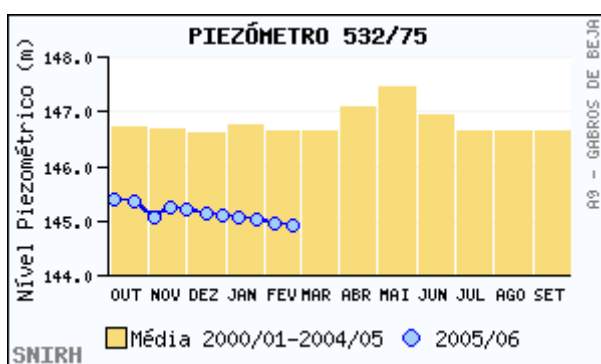
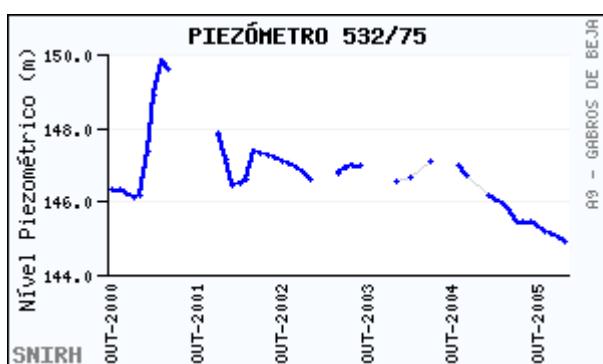
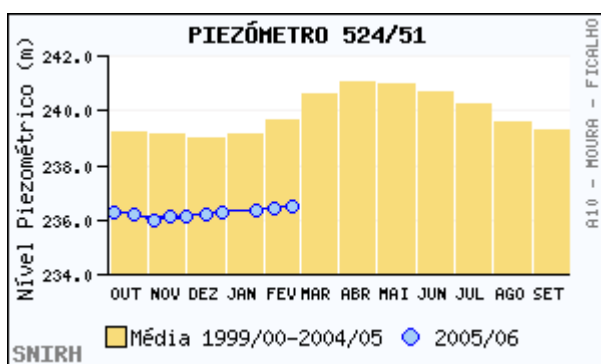
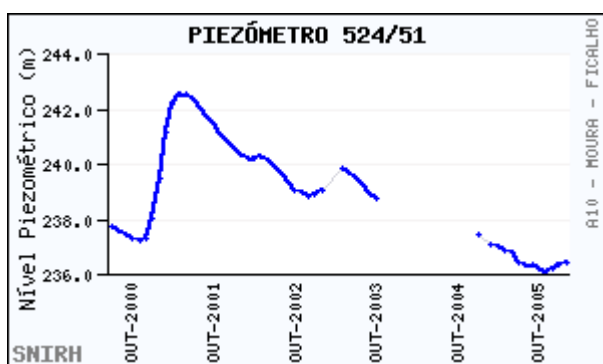
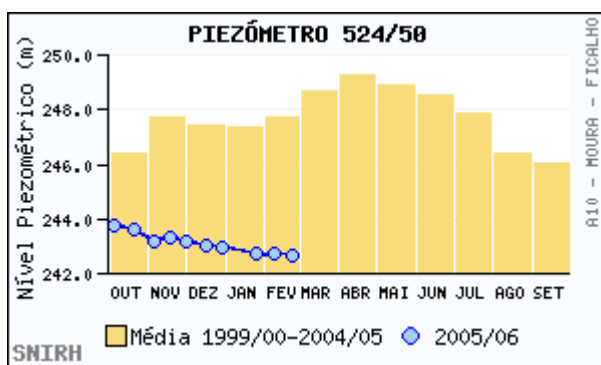
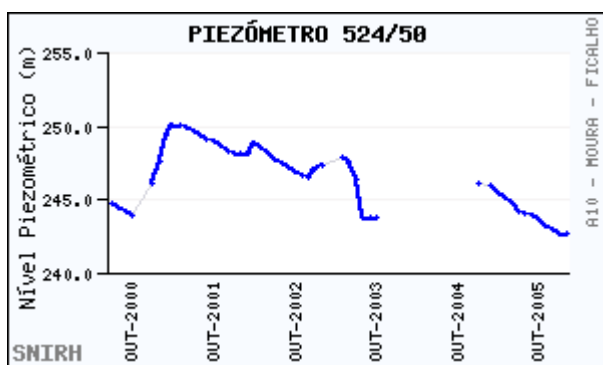
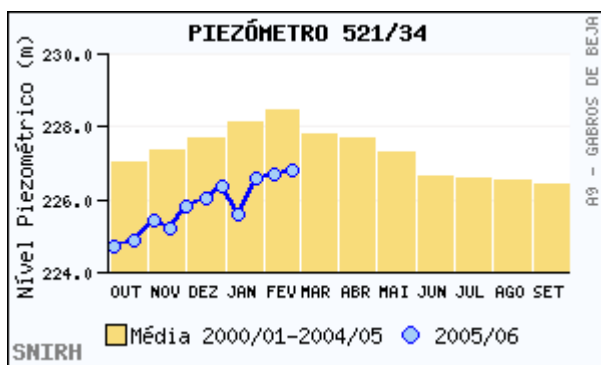
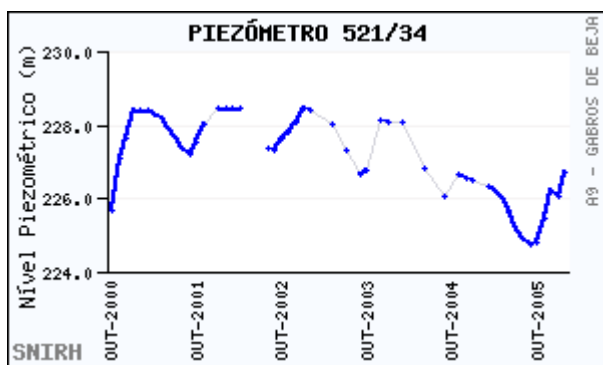
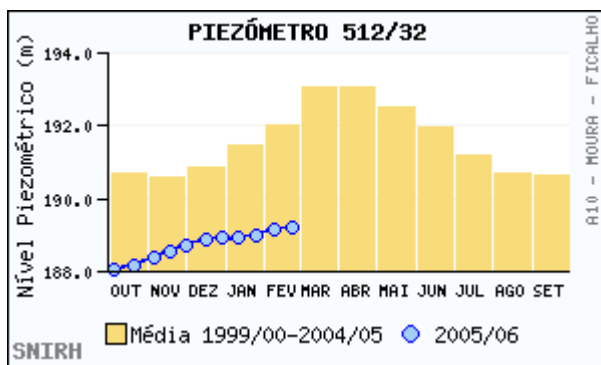
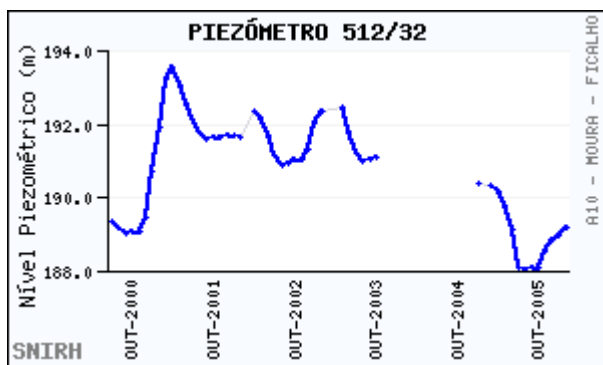
Região Lisboa e Vale do Tejo



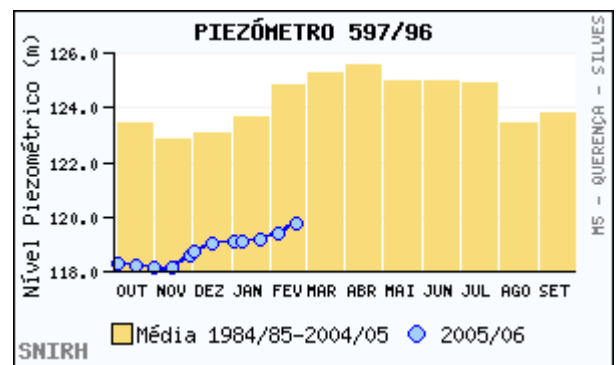
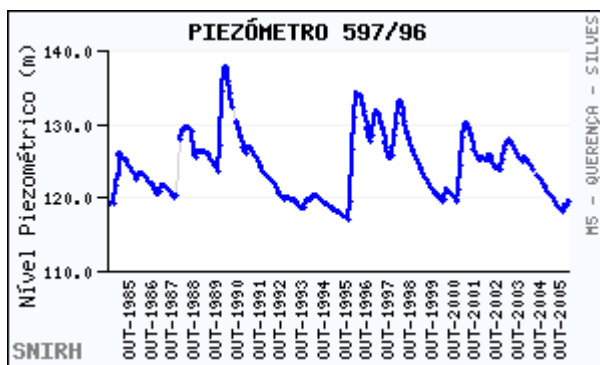
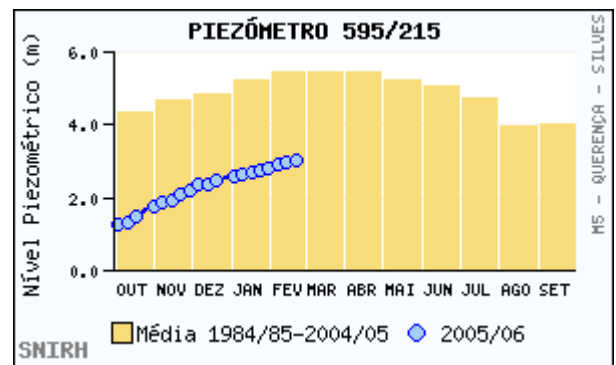
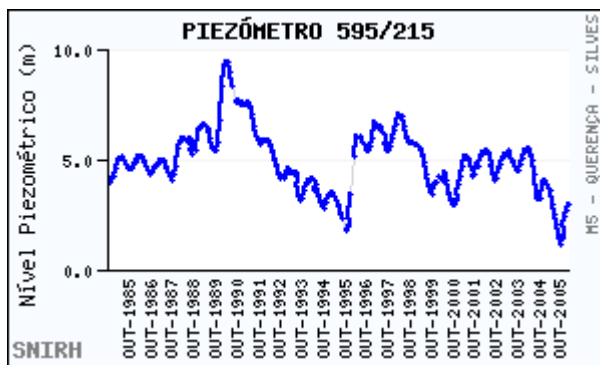
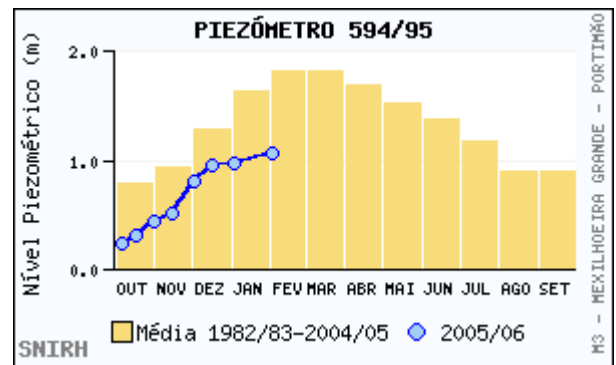
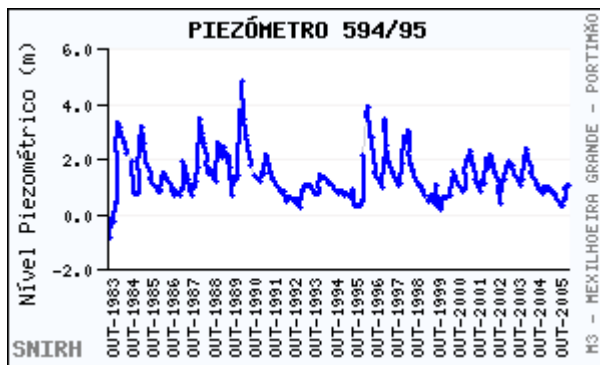
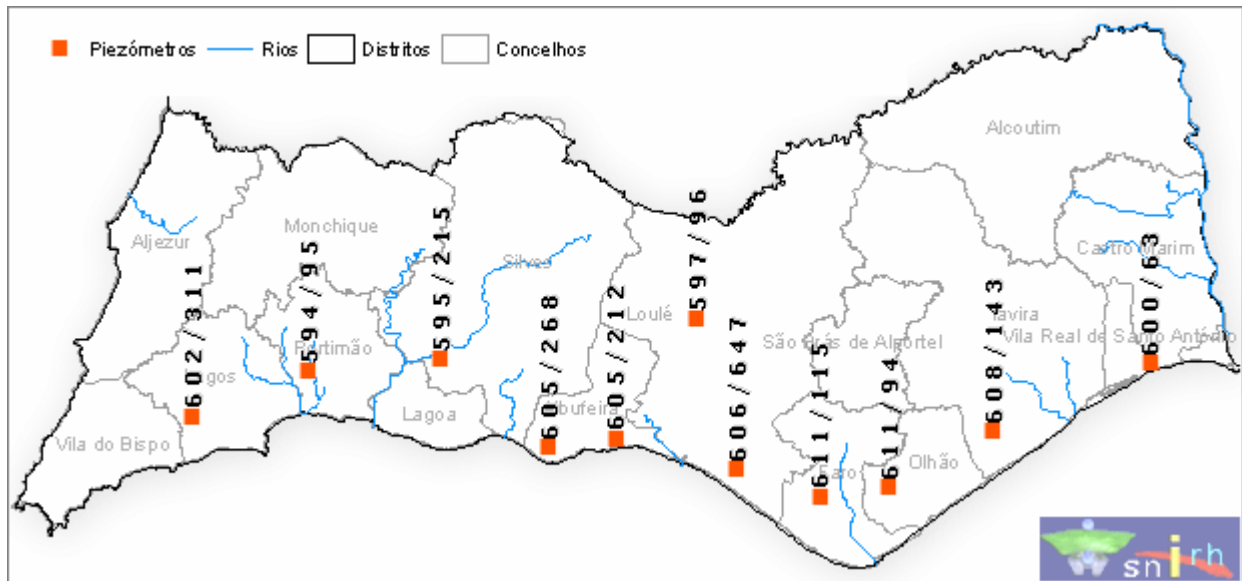


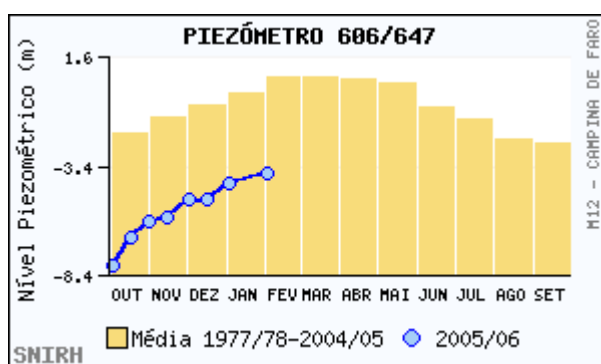
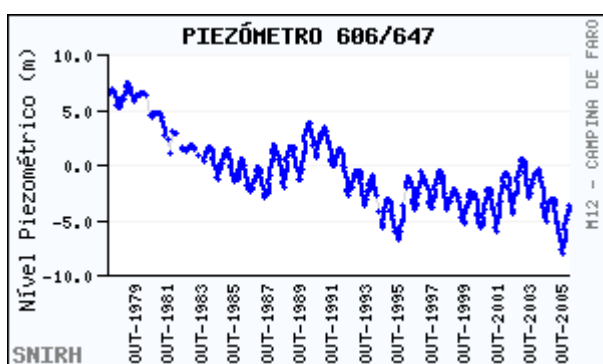
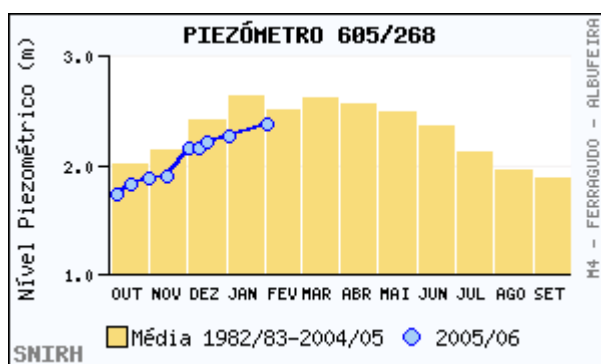
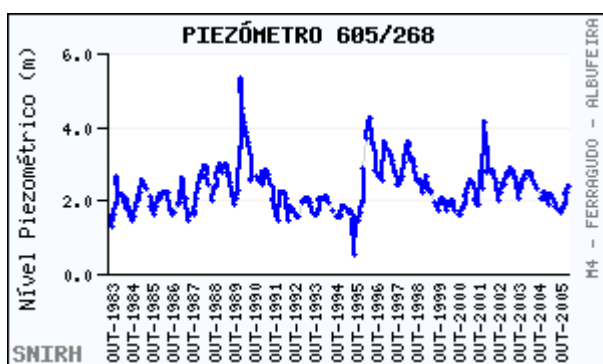
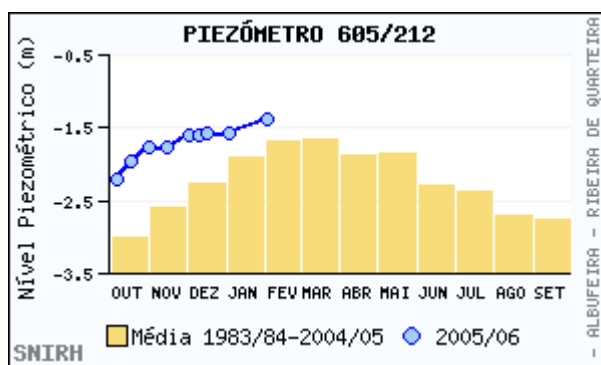
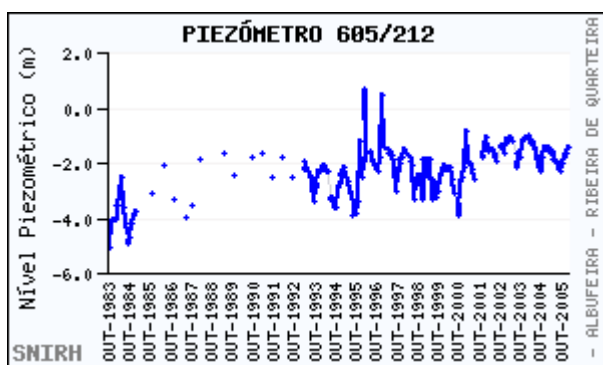
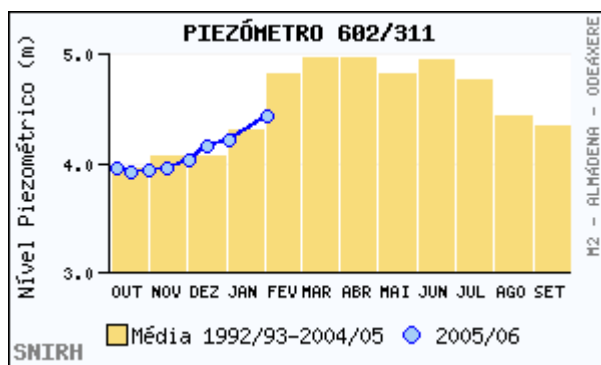
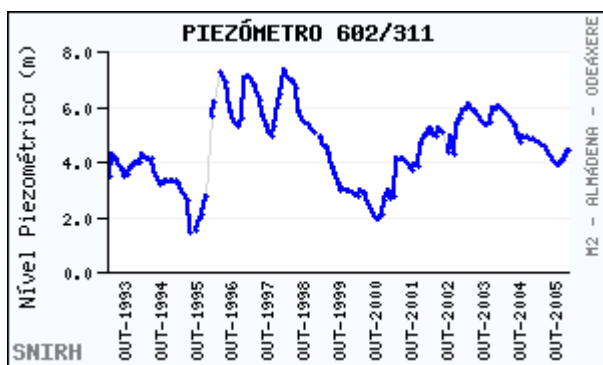
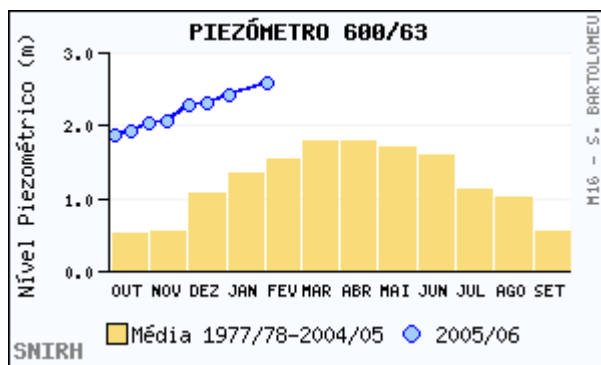
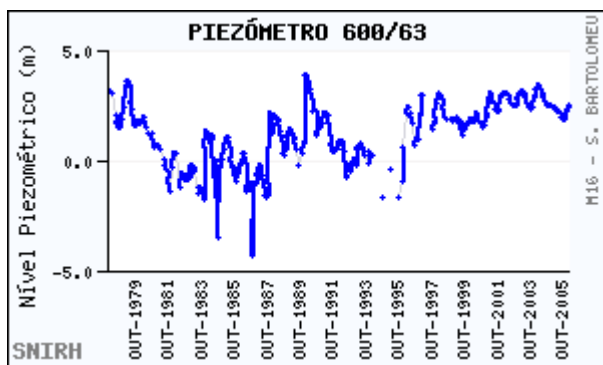
Região Alentejo

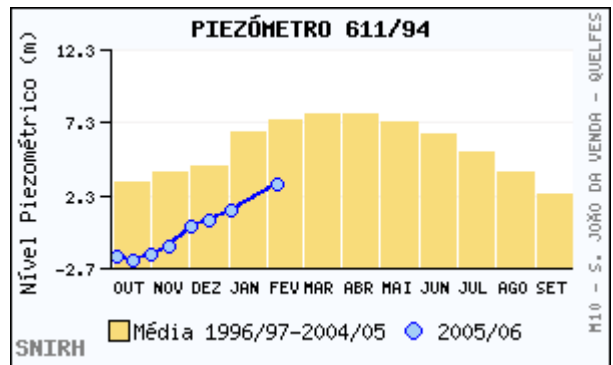
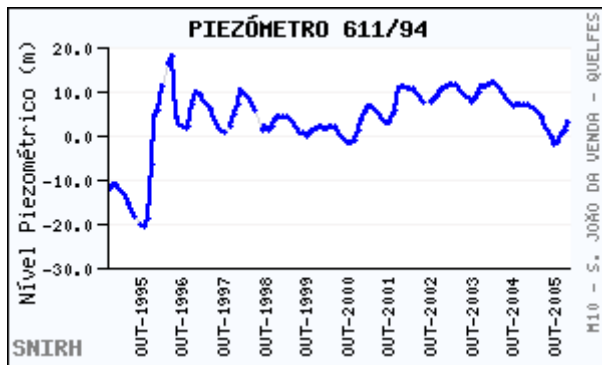
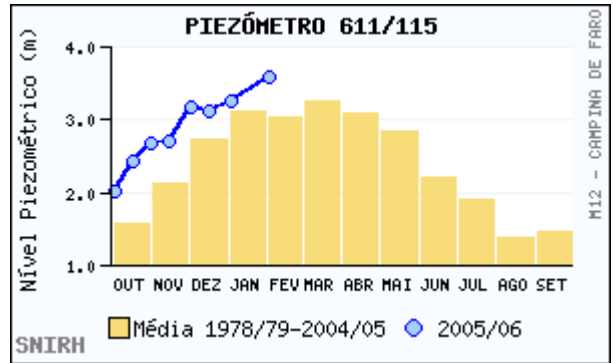
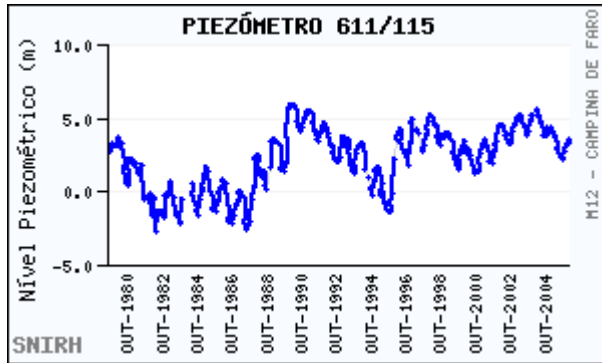
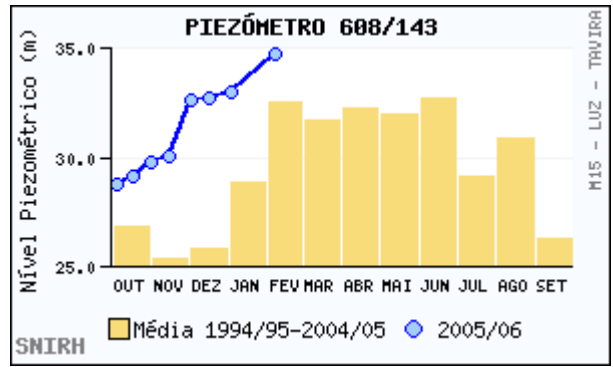
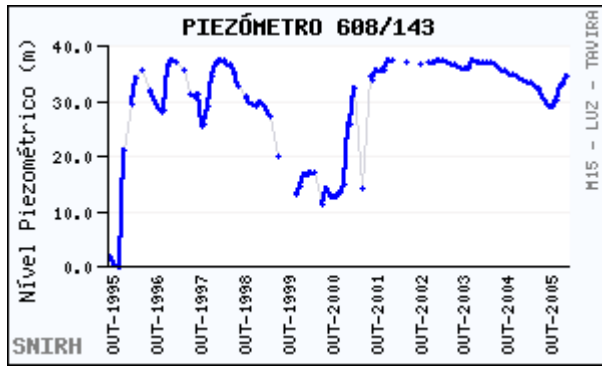




Região Algarve







Anexo III – SITUAÇÃO DOS ARMAZENAMENTOS EM ALBUFEIRAS DO NORDESTE TRANSMONTANO

BARRAGEM DE VILA CHÁ/ALIJÓ	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1,9 hm ³																						
Tipo de Barragem	Aterro																						
Altura da Barragem	40 m																						
Cota do NPA	658,5 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	5,10	5,24	5,50	5,57	6,50	6,70	7,32	8,00			10,12	11,00	11,45	11,90	12,07	12,18	12,53	11,69	11,60	11,36	11,16	11,09	10,72
Cota do Nível de Água (m)	653,40	653,26	653,00	652,93	652,00	651,80	651,18	650,50			648,38	647,50	647,05	646,60	646,43	646,32	645,97	646,81	646,90	647,14	647,34	647,41	647,78

BARRAGEM SORDO	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1 hm ³																						
Tipo de Barragem	Betão																						
Altura da Barragem	36 m																						
Cota do NPA	533,00 m																						
Cota do NPA - Cota actual			11,00	10,85	10,50	10,50	11,45	12,95	14,10	15,95	16,20	17,50	18,40	18,70	17,45	15,40	11,10	11,70	11,10	11,90	10,95	11,00	10,40
Cota do Nível de Água (m)			522,00	522,15	522,50	522,50	521,55	520,05	518,90	517,05	516,80	515,50	514,60	514,30	515,55	517,60	521,90	521,30	521,90	521,10	522,05	522,00	522,60

BARRAGEM DE RANHADOS	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	2,6 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Betão-gravidade																						
Altura da Barragem	41,0 m																						
Cota do NPA	716,0 m																						
Cota do NPA - Cota actual	0,30	0,00	0,00	0,15	1,00	1,40	2,10	3,20	5,20	6,20	6,60	7,60	8,10	8,65	9,00	9,55	10,03	7,60	5,15	3,20	1,90	1,00	0,00
Cota do Nível de Água (m)	715,70	716,00	716,00	715,85	715,00	714,60	713,90	712,80	710,80	709,80	709,40	708,40	707,90	707,35	707,00	706,45	705,97	708,40	710,85	712,80	714,10	715,00	716,00
Alt. Coluna de Água Disp	14,20	14,50	14,50	14,35	14,35	13,95	13,95																

BARRAGEM DO ARROIO	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	0,2 hm ³																						
Tipo de Barragem	Aterro																						
Altura da Barragem																							
Cota do NPA	439																						
Cota do NPA - Cota actual	3,00	0,00	0,20	0,20	0,30	0,60	1,10	1,60	2,20	2,90	3,00	3,30	3,60	3,60	1,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cota do Nível de Água	436,00	439,00	438,80	438,80	438,70	438,40	437,90	437,40	436,80	436,10	436,00	435,70	435,40	435,40	437,80	439,00	439,00	439,00	439,00	439,00	439,00	439,00	439,00

BARRAGEM DE BASTELOS	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1,13 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem																							
Cota do NPA	624,0 m;																						
Cota do NPA - Cota actual																							
Cota do Nível de Água (m)																							

Anexo III – SITUAÇÃO DOS ARMAZENAMENTOS EM ALBUFEIRAS DO NORDESTE TRANSMONTANO

BARRAGEM DE PALAMEIRO	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	0,32 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem	18,2 m;																						
Cota do NPA	643,2 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	3,70	0,90	0,90	0,90	1,00	1,10	1,60	2,00	2,40	2,70	2,90	2,90	3,20	3,30	2,80	3,10	3,00	1,90	1,00	0,50	0,00	0,00	0,00
Cota do Nível de Água (m)	639,50	642,30	642,30	642,30	642,20	642,10	641,60	641,20	640,80	640,50	640,30	640,30	640,00	639,90	640,40	640,10	640,20	641,30	642,20	642,70	643,20	643,20	643,20

BARRAGEM DO SAL GUEIRAL	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1,2 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem	28,5 m;																						
Cota do NPA	382,5 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	3,50	1,50	1,50	1,60	1,80	2,10	2,30	2,70	3,20	3,50	3,50	3,80	4,10	4,12	4,00	1,50	1,20	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Cota do Nível de Água (m)	379,00	381,00	381,00	380,90	380,70	380,40	380,20	379,80	379,30	379,00	379,00	378,70	378,40	378,38	378,50	381,00	381,30	382,50	382,50	382,50	382,50	382,50	382,50

BARRAGEM DE VALE FERREIROS	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1,2 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem	13,0 m;																						
Cota do NPA	635,0 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	3,00	4,00	3,50	4,00	4,10	4,30	4,60	5,00	4,80	5,10	5,50	6,10	6,30	6,33	6,40	6,30	6,20	6,30	6,50	6,30	6,60	6,60	6,20
Cota do Nível de Água (m)	632,00	631,00	631,50	631,00	630,90	630,70	630,40	630,00	630,20	629,90	629,50	628,90	628,70	628,67	628,60	628,70	628,80	628,70	628,50	628,70	628,40	628,40	628,60

BARRAGEM DO AZIBO	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	55,0 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem	56,0 m;																						
Cota do NPA	602,0 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	2,80	3,00	3,00	3,00	3,30	3,50	3,80	4,10	4,50	4,80	5,00	5,30	5,40	5,50	5,50	5,00	5,10	5,00	4,90	4,60	4,50	4,50	4,40
Cota do Nível de Água (m)	599,20	599,00	599,00	599,00	598,70	598,50	598,20	597,90	597,50	597,20	597,00	596,70	596,60	596,50	596,50	597,00	596,90	597,00	597,10	597,40	597,50	597,50	597,60

BARRAGEM DA CAMBA	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06
Volume da Albufeira	1,5 hm ³ ;																						
Tipo de Barragem	Aterro;																						
Altura da Barragem	30 m;																						
Cota do NPA	621,0 m;																						
Cota do NPA - Cota actual	6,00	5,50	5,50	5,50	6,00	6,50	7,50	8,50	11,00	13,00	13,50	14,50	14,50	14,50	14,00	13,00	13,00	13,00	11,00	10,50	10,00	9,50	9,00
Cota do Nível de Água	615,00	615,50	615,50	615,50	615,00	614,50	613,50	612,50	610,00	608,00	607,50	606,50	606,50	606,50	607,00	608,00	608,00	608,00	610,00	610,50	611,00	611,50	612,00
Alt. Coluna de Água Disp	18,00	18,50	18,50	18,50	18,00	17,50	16,50	15,50	13,00	11,00													

Anexo III – SITUAÇÃO DOS ARMAZENAMENTOS EM ALBUFEIRAS DO NORDESTE TRANSMONTANO

	13-Abr-05	26-Abr-05	9-Mai-05	30-Mai-05	15-Jun-05	29-Jun-05	12-Jul-05	29-Jul-05	17-Ago-05	6-Set-05	13-Set-05	4-Out-05	13-Out-05	24-Out-05	2-Nov-05	15-Nov-05	29-Nov-05	13-Dez-05	4-Jan-06	16-Jan-06	30-Jan-06	13-Fev-06	20-Fev-06	
BARRAGEM DA ESTEVEINHA																								
Volume da Albufeira	1,6 hm ³ ;																							
Tipo de Barragem	Aterro;																							
Altura da Barragem																								
Cota do NPA	626,0 m;																							
Cota do NPA - Cota actual	5,00	4,00	4,10	4,30	4,50	4,70	5,00	5,30	5,50	6,00	6,00	6,40	6,50	6,50	6,50	6,50	6,40	6,00	5,80	5,60	5,30	5,20	5,10	
Cota do Nível de Água	621,00	622,00	621,90	621,70	621,50	621,30	621,00	620,70	620,50	620,00	620,00	619,60	619,50	619,50	619,50	619,50	619,60	620,00	620,20	620,40	620,70	620,80	620,90	
Alt. Coluna de Água Disp	7,50	8,50	8,40	8,20	6,00	7,80	7,50	7,20	7,00	6,50														
BARRAGEM DE PENEIREIRO																								
Volume da Albufeira	0,67 hm ³ ;																							
Tipo de Barragem	Aterro;																							
Altura da Barragem	10,0 m;																							
Cota do NPA	621,0 m;																							
Cota do NPA - Cota actual	3,00	3,00	3,00	3,40	3,50	3,80	4,20	4,60	5,20	5,60	4,70	6,30	6,40	6,60	6,70	6,50	6,30	6,50	6,40	6,30	6,30	6,20	6,00	
Cota do Nível de Água	618,00	618,00	618,00	617,60	617,50	617,20	616,80	616,40	615,80	615,40	616,30	614,70	614,60	614,40	614,30	614,50	614,70	614,50	614,60	614,70	614,70	614,80	615,00	
Alt. Coluna de Água Disp	3,00	3,00	3,00	2,60	2,50	2,20	1,80	1,40																
BARRAGEM DE VILAR																								
Volume da Albufeira	100,0 hm ³ ;																							
Tipo de Barragem	Enrocamento;																							
Altura da Barragem	58,0 m;																							
Cota do NPA	552,0 m;																							
Cota do NPA - Cota actual			16,62	16,16	16,16	16,25	16,44	16,60			16,99	17,14	17,27	17,30	17,18	16,87	16,50	14,24	13,10	12,40	12,45	13,31	-	
Cota do Nível de Água	534,30	534,90	535,38	535,84	535,84	535,75	535,56	535,40			535,01	534,86	534,73	534,70	534,82	535,13	535,50	537,76	538,90	539,60	539,55	538,69	-	

Anexo IV – Especificações gerais para a elaboração de Planos de Contingência para situações de ruptura dos sistemas de abastecimento de água às populações, pecuária e regadio

Trabalho em construção.

Apesar de já existir um documento base, este ainda não foi aprovado pelo Grupo de Trabalho pelo que não reúne as condições para a sua divulgação alargada.

Procede-se actualmente à afinação dos conteúdos do documento, de modo a torná-lo num guia expedito, ajustável à realidade de cada entidade gestora, com indicações exemplificativas quanto ao conteúdo dos Planos. O documento deverá estar concluído no final do mês de Março.

Anexo V – Bases gerais para a promoção de campanhas de sensibilização do uso da água em situações de seca de âmbito nacional, regional e local

Trabalho em elaboração.

Anexo VI – Sistema simplificado de identificação, quantificação, tratamento e avaliação de dados e informações sobre as principais utilizações de água nas zonas de risco de seca

Trabalho em elaboração.

Foram elaboradas Fichas Metodológicas referentes às utilizações Abastecimento Urbano, Agricultura (Regadio e Pecuária), Actividades Turísticas (Golf e Aquaparcos) e Energia para discussão entre os vários membros que constituem este Grupo de Trabalho.

Anexo VII – Definição de critérios e meios a utilizar no apoio técnico e financeiro às entidades com dificuldades técnicas e financeiras decorrentes da seca

Trabalho em elaboração.

Anexo VIII – Proposta de enquadramento institucional relativa à criação de um sistema permanente de previsão e acompanhamento de situações de seca.

Aguarda constituição do grupo e respectivo focal point.